

JULIA LOPES DE ALMEIDA
E
AFONSO LOPES DE ALMEIDA

A ÁRVORE

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro
S. PAULO

BELLO HORIZONTE

65 — RUA DE S. BENTO — 65 | 1055 — RUA DA BAHIA — 1055

1916

OBRAS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

TRAÇOS E ILUMINURAS, contos.
A FAMÍLIA MEDÊIROS, romance.
MEMÓRIAS DE MARTA, romance.
A VIUVA SIMÕES, romance.
A FALÊNCIA, romance.
LIVRO DA DONAS E DONZELAS.
ANSIA ETERNA, contos.
A INTRUSA, romance.
HISTÓRIAS DA NOSSA TERRA, contos.
A HERANÇA, comédia em um acto.
QUEM NÃO PERDÔA, drama em tres actos.
CORREIO DA ROÇA.
CRUEL AMOR, romance.
ELES *E ELAS..
A SILVEIRINHA, romance.
DÓIDOS DE AMOR, comédia em um acto.

De colaboração :

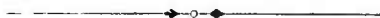
CONTOS INFANTIS — com Adelina Lopes Vieira.
CAÇA VERDE, romance—com Filinto de Almeida.
A ÁVORE — com Afonso Lopes de Almeida.

A publicar :

NOVELAS.
CONFERENCIA.
OS OUTROS.
A CASA VERDE, romance.
NOS JARDINS DE SALOMÃO, teatro.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA
E
AFONSO LOPES DE ALMEIDA

À ÁRVORE



LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro
S. PAULO | BELLO HORIZONTE
65 — RUA DE S. BENTO — 65 | 1055 — RUA DA BAHIA — 1055

1916

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



Jequitibá do Brejão
S. PAULO

PROVÉRBIOS

Quem mata uma árvore mata um homem.

Quem a boa árvore se encosta, boa sombra o cobre.

Quem corta um galho sem razão, deveria Deus cortar-lhe a mão.

Mão que semeia é mão que abençôa.

A copa da árvore é o teto dos que não têm casa.

Cada boa árvore que se planta é um bom legado que se deixa.

De árvore caída todos fazem lenha.

Não são os pequenos regatos que fazem os grandes rios; são as vastas e belas florestas.

Sêco o monte, sêca a fonte.

Não é ao primeiro golpe que a árvore cai.

Não se atiram pedras senão a árvores de fruta.

A LIÇÃO DA ÁRVORE

Vida, que a vida serves e alimentas,
Graminea débil, melindroso arbusto,
Folhagens, franças, frondes opulentas,
Esguio cáule, tronco alto e robusto ;

Frutos e flores — pábulo e beleza ;
Grão que dá vida e a vida perpetúa,
Que enche de vida toda a Natureza
Se cai no sulco aberto da charrúa ;

Semente que germina, estala e engrossa,
Cresce e, tronco, frondeja e toma vulto,
— Árvore, amiga do homem, que ele possa
Fazer do teu amor um vasto culto ;

Que aprenda, á luz do Sol que te redoura
A ramaria vèrde e o tronco bruto,
Que és Bondade — na sombra abrigadôra,
E Generosidade, no teu fruto.

Árvore ! que o homem te ame sempre e veja,
Enternecido, em teu aspecto rude,
Que nada, amiga, fazes que não seja
Exemplo de moral e de virtude !

O PAU-BRAZIL

O Brazil deve á árvore toda a sua prosperidade. Não só a riqueza nos vem dela, com a exploração do café, do algodão e da borracha, como dela nos vem a água dos nossos rios, do imenso Amazonas, o maior da Terra, que fecunda todo o Norte do país ; do S. Francisco, do Uruguay, de todos os caudalosos rios que fazem tão fértil o solo brasileiro. Se as vastíssimas florestas dos Estados de Mato-Grosso e do Amazonas fossem derrubadas, o grande rio do Norte, que atravessa de lado a lado a nossa Pátria, perderia a maior parte do seu volume e passaria a ser um simples curso d'água de importancia secundária.

Mas não são apenas esses beneficios que a nossa terra deve á árvore. O próprio nome do país — Brazil — que todos nós pronunciamos com tanta comoção, foi tirado de uma árvore das nossas matas, o Pau-Brazil, de madeira vermelha, da qual se fazia, e ainda se faz, uma substancia colorante, empregada na tinturaria.

No século em que o Brazil foi descoberto, e no seguinte (séculos XVI e XVII), essa madeira tinha um grande valor comercial, e muitos

dos navios que então se dirigiam á nossa terra só o faziam com o fim de voltarem á Europa carregados com o precioso pau.

Assim, quando nós nos chamamos uns aos outros, com orgulho, *Brazileiros*, recordamos ao mesmo tempo o nome da nossa Pátria e de uma das nossas árvores.

A RIQUEZA DO POBRE

O coqueiro fornece ao homem casa, roupa, luz e alimento. Para demonstrar esta afirmação, conta um viajante francês uma pequena história, concebida mais ou menos nestes termos :

«Viajava eu na India, sob um céu azul e causticante e sobre areias que esaldavam os pés do meu elefante. Depois de ter percorrido uma grande extensão sem encontrar sequer uma sombra de telhado ou arvorêdo, topei com uma cabana cercada de palmeiras, que parecia velarem por ela, como sentinelas em um campo deserto. Não havia por ali vestigios de arado nem de sementeira alguma. Estaria a triste cabana abandonada ?

Gritei á porta, como é de uso, a minha inter-rogação ; e logo me appareceu um homem grisalho, de olhar dôce e gesto forte. Fez-me descer do animal e repousar dentro de casa sobre uma esteira côr de castanha.

Estava fatigado : dormi. Quando acordei, ele convidou-me a compartilhar a sua refeição. Trouxe-me umas papas de côco, dentro de uma cúia polida, feita tambem da fruta do coqueiro. Em outra cúia vinha uma bebida refrescativa

e sumamente agradável. Serviu-me depois excelente dôce e não menos excelente licor.

Perguntei-lhe, assombrado, como podia ele oferecer-me coisas tão saborosas e delicadas naquela solidão ; ao que retrucou :

— Está muito enganado, eu não vivo na solidão !

— Como assim ?

— Tenho os meus fornecedores mesmo ao pé da porta. Não viu as palmeiras ?

— Sim, vi as palmeiras.

— Pois são elas que me dão essa água fresca, que o deleitou e que retiro dos seus frutos ainda não amadurecidos. Os meus copos e os meus pratos são feitos com a casca do côco, como da sua polpa foi feito o alimento que o confortou e o dôce que lhe serviu de sobremesa. Quanto ao licôr, que soube tão bem ao seu paladar, ele é a própria seiva do coqueiro, cujas espátulas novas sangrei, para que delas escorresse o liquido benéfico. Exposto ao calor do Sol, este liquido azéda-se e torna-se em vinagre ; distilado, transforma-se em deliciosa aguardente. E — oh, coisa estranha ! — é ainda este mesmo suco que me fornece açúcar para os meus dôces.

— Realmente, não pôde haver armazem mais bem sortido.

— Não é tudo ; a minha própria habitação, devo-a aos coqueiros. Foi com a sua madeira

que eu construí estas paredes e estas portas, e com as suas palmas que fiz o meu telhado. A esteira em que descanso, as roupas que visto, são tecidas com os filamentos dessas mesmas palmas e dos seus cáules. Assim também são feitos o meu colchão e o meu travesseiro. As peneiras, que o amigo ali vê, suspensas na parede, encontro-as já prontas no alto da estipe do coqueiro, junto á sua folhagem. Com essa mesma folhagem fizeram meus filhos as velas do barco em que a estas horas estão navegando. Também das fibras do côco levaram eles meadas para calafetarem a sua embarcação. Essas fibras apodrecem menos do que a estôpa, e servem tanto para cordas como para o pavio da lâmpada que me alumia á noite, e que é mantida pelo óleo do mesmo côco. Toda a minha fartura, toda a tranquilidade da minha vida vêm dessas plantas que rodeiam a minha pobre cabana. Por isso as adoro, com a gratidão e o respeito de um filho pelos Pais queridos.»

PALMEIRAS

O COQUEIRO DA BAHIA

Esta planta representa uma das maiores riquezas do Brazil. O seu fruto além de delicioso e nutritivo é muito útil á indústriã. Das fibras que o envolvem fazem-se tapetes, capachos e escôvas ; da sua casca ou noz, uma grande variedade de pequenos objectos, tais como rosários, botões, imágens, cofres e diversas bugangas. Da sua pôlpa, tão branca e tão agradável, quer saboreada em crúa, quer condimentada ou em dôce, extrai-se um óleo precioso e faz-se excelente manteiga. E' sobretudo esta ultima applicação que tende a tomar um enorme incremento, e dar á cultura dos coqueiros muito maior prestígio e ao Brazil muito maior fortuna. Tão fina, saborosa e higiênica é a manteiga do côco da Bahia, que tudo indica que ella substituirá completamente, dentro de poucos anos, as gorduras animais, quer no uso da mesa, como a manteiga de leite para o pão, quer nas applicações culinárias, em vez das ba-

nhas de porco e cêbos vendidos como tal, sempre prejudicialísimos á saúde de quem os ingere. O óleo de côco é applicável ao engraxamento de máquinas, e, bem purificado, pôde ser explorado com vantagem pela perfumaria, por ter a faculdade de retemperar os fios de cabêlo, opondo-se á sua quáda.

Dadas condições favoráveis de clima, a cultura do coqueiro da Bahia é facil e cómoda. Os seus primeiros anos de existência exigem certos cuidados ; mas passado um curto período de tempo esses cuidados são maravilhosamente compensados pelo nenhum trabalho que a árvore exige do seu cultivador, e pela sua longuíssima duração. Sem desfalecimentos na sua produção, os coqueiros da Bahia duram para mais de sessenta anos. Tão longa é a vida desta planta admirável, desta fecunda criadora, que não ha talvez quem se sinta perfeitamente habilitado a afirmar com certeza qual a sua longevidade. De fórma elegante, esbelta e pura, como aliás a de quasi todas as palmeiras, esse vegetal dá á paisagem um sentimento de poesia saúdoso e vago, qualquer coisa que faz sonhar com paragens ignotas de um mundo desconhecido.

Plantai coqueiros, porque eles são bemfeitores do homem e amigos da terra !

A CARNAÚBA

Esta palmeira existe em grande quantidade no Nordeste do Brazil, especialmente no Estado do Ceará.

Não ha planta mais útil do que a Carnaúba, como vamos ver. Do seu cáule fazem-se os esteios, os cáibros, as ripas que sustentam as casas dos sertanejos, bem como as tábuas de que se compõem os seus móveis: — armários, camas, mesas, bancos e cadeiras. As folhas, quando vêrdes, fornecem o alimento para o gado; quando sêcas, são aproveitadas para a cobertura das casas. Das suas fibras e palhas é que são feitos os abanos, as vassouras, as peneiras e as cêstas usadas no Norte, bem como os chapéus de palha — alguns dos quais finísimos — as cordas e as rêdes. Os côcos, sêcos, fornecem um óleo fino, com que se tempêra a comida; e outro, grosseiro, usado para a iluminação; torrados e reduzidos a pó, utilizam-se como os grãos do café, dando uma beberagem nutritiva e saborosa.

Mas ainda não é tudo. Das raizes, que são medicinais, extráem-se poderosos remédios. Das folhas novas da Carnaúba tiram os ser-



Carnaúba

tanejos uma ótima cêra vegetal de que fazem vélas. Dos côcos, extráem a agua, que é fresca e agradável.

Por ocasião das sêcas, ha, nos Estados do Nordeste, muita gente que só não morre á sêde e á fome porque se alimenta dos côcos da Carnaúba, pois esta planta é, com o Joazeiro e o Babassú, um dos poucos vegetais que resistem ao calor e á falta d'água, conservando-se sempre verdes e vicejantes quando todos os outros secaram e morreram.

OÁSIS DO SERTÃO

A CARNAÚBA

No deserto sem árvores, só ela,
Erecta e verde ao Sol, ao Sol resiste.
Do flagelo no horror, só ela é bela,
Na tristeza, só ela não é triste !

Quando a sêca voraz tudo consome,
Queima, séca, devasta e assola, — vêde :
E' ela apenas que me mata a fome,
E' ela ainda que me mata a sêde !

Pois se em ondas de fogo, um Sol violento
Espalha em tórno a assolação e a mágua,
Dela tiro o meu único alimento,
Extráio dela as minhas gôtas dágua.

E se fujo ao flagelo, com cansaço,
À luz de um Sol de chamas, que me assombra,
Só junto dela, como num regaço,
Posso, caindo ao chão, dormir á sombra.

Eu vi, ao percorrer essas estradas,
O negrejar das cruzes nos caminhos,
E entre elas branquejarem as ossadas
Dos bois gigantes e dos passarinhos.

Bem dita sejas tu, pois de ti perto
Não se abrem nunca os braços de uma cruz,
Carnaúba, palmeira do deserto,
Ilha vêrde de um mar de fogo e luz !

O CACÁU

PÁGINA ESCOLAR

EXERCÍCIO DE MEMÓRIA

(do caderno de Ceci)

Hoje, na classe, terminada a nossa lição de leitura, a mestra perguntou-nos qual é dentre todas as bebidas quentes que temos tomado, aquela que mais apreciamos. Alguns dos meus colegas disseram dar preferência ao chá ; outros, ao mate ; outros ao café, e eu muito sinceramente confessei que para mim nenhuma se podia comparar ao chocolate.

— E sabe de que é feito o chocolate ? perguntou-me ela, fixando em mim o seu olhar bondoso.

— Sim, senhora. E' feito com uns pauzinhos escuros e doces que minha Mãe compra na confeitaria.

A minha resposta produziu hilaridade nas minhas companheiras mais velhas ; a professora fez-lhes sinal para que se contivessem e continuou :

— E' tudo quanto me pôde dizer a tal respeito, Cecília ?

— E' tudo.

Então ouça o que lhe vou explicar, e com atenção que lhe permita reproduzir depois por escrito no seu caderno de exercícios todo o sentido das minhas palavras :

« O chocolate é uma pasta preparada com as amêndoas torradas de uma fruta chamada *cacáu*, fruta produzida por uma árvore muito abundante no Brazil, e que tem o nome de Cacaueiro. A essa pasta adicionam os fabricantes uma certa quantidade de açúcar e o perfume da baunilha — que é também um produto da flora brasileira — do musgo, da canela, etc. Deitam depois essa massa em fôrmas regulares de que saem as tabuinhas, ou paus, de chocolate, que se vendem nas confeitarias.

O Cacaueiro é um dos vegetais mais ricos do Brazil ; e feia ingratidão seria não lhe louvarmos as suas grandes qualidades de beleza e de produção. São os frutos dos Cacaueiros, são os frutos dos Cafeeiros, é o leite da Seringueira (que dá a borracha), e são as folhas do mate, que fazem a fortuna do Brazil. Em nenhum país o amor e o culto pela árvore devem ser maiores do que no nosso. Fixe-se bem isto no seu espirito, Cecília, e todas as vezes que vir maltratar uma árvore, procure

defende-la, porque fará com isso uma obra de justiça e praticará um acto de gratidão.»

Quando voltei para casa, mesmo antes de escrever este exercício, pedi a meus pais que plantassem um Cacaueiro no nosso quintal, o que vai ser feito no próximo domingo sob a protecção da minha mestra.

CECÍLIA.

O SINO DA FLORESTA

É noite, ou quasi noite, na floresta
Onde não entra o Sol, fechada e escura.
Não se ouve a voz dos pássaros em festa ;
Sóme-se o chão, sob as camadas densas
Das folhas, que a humidade apodreceu ;
Desaparece a terra, e o próprio Céu,
Que o Céu é a densa copa de verdura
Das árvores imensas.

No imovel, no preságo
Silêncio da floresta adormecida,
Ouve-se apenas uma nunca ouvida
Voz, voz subtil, murmúrio vago,
Vinda das folhas e dos troncos, vinda
Da alta ~~copa~~ das árvores, e ainda
Do humus do próprio chão, da íntima entranha
Da Terra, em um rumor que é a ignota, a extranha
Palpitação da Vida.

Súbito, um sino tange, ao longe, lento ;
E a sua voz rebôa, em um lamento
Que a mudez sepulcral da mata acorda.
Intempestiva exclamação
Que através da floresta repercute,
No ar parado vibrando.
Recorda a quem o escute

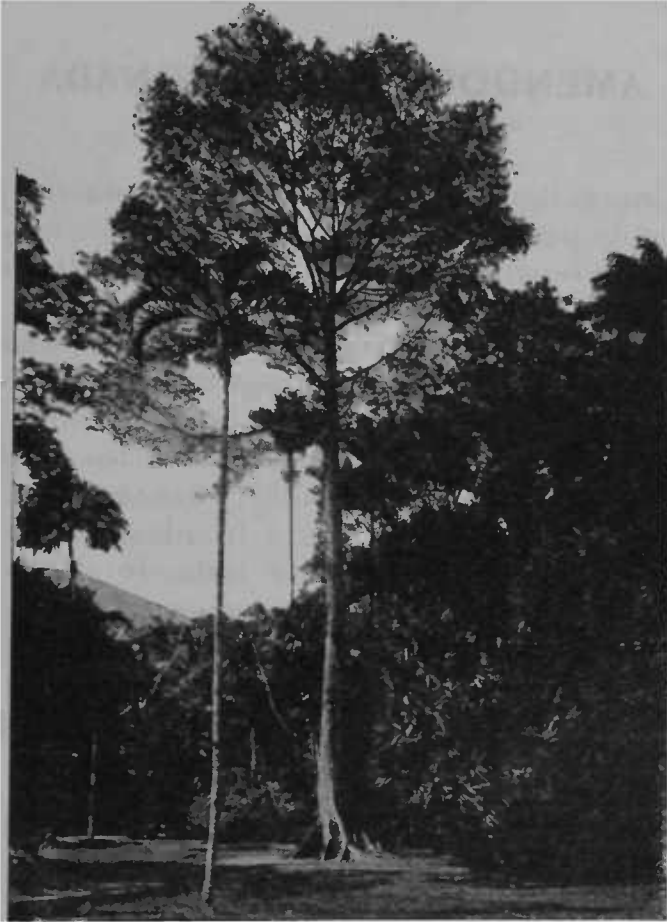
Um soluço de dôr prolongado, recorda
Um grito de garganta invisível, clamando
No silêncio e na solidão.

Voz que um socôrro aflita implôra
Transida, o sino tange, dobra, sôa
Na escuridão quasi nocturna.
E eis que outro sino tange, de outro lado,
Longe, como acordado
Pela voz do primeiro, que se cala.
A mata, muda e imensa, acorda, e fala !
Fala em dobres extranhos, voz soturna
Que ao Norte, ao Sul, de um e outro lado, agora
Em pancadas mais próximas ecôa.

Seringueiro perdido na floresta,
Em um mar-alto de verdura !
A Sumaúma é o sino, em que tu bates
O teu rude machado.
São dela, os sons que ecôam na espessura
Em lúgubres rebates ;
E' dela a grande voz que sôa, longa,
Abemolada e mésta,
Que em uma onda sonora se prolonga
Atravez do silêncio, no ar parado.
E — como a vaga se desfaz na espuma —
Vai morrer á distância, inda vibrante,
No tapete da relva.

Sumaúma !
Farol de sons batendo a cada instante,
Guiadora dos náufragos da selva !

Quando um seringueiro se perde na floresta, bate com o nó do machado no tronco da Sumaúma. A vibração dessa



Sumauma

pancada produz um som idêntico ao de um sino. E' por esse meio que ele pede soccôrro

AMENDOEIRA ABANDONADA

Um velho português, que veio ainda em pequenote para o Brazil, contava que após longos anos de separação da sua terra, confundia com as saúdades que tinha da família, a saúdade de uma grande árvore do quintal paterno. Quando um dia pôde enfim, ir visitar o seu velho lar abandonado, foi essa árvore a única testemunha que encontrou do seu passado morto. Já não existiam os pais ; e as irmãs, casadas, haviam mudado de residência. Só a frondosa amendoeira do jardim se revestira toda de cheirosas flores para o receber ! Tudo o mais era solidão e ruína.

Com o peito alvoroçado e as lágrimas a correrem-lhe em fio pelo rosto, ele abraçou repetidas vezes o tronco enrugado da dôce amiga de todos os tempos. E afirmava, depois, ter sentido pulsar dentro do velho tronco da árvore um coração vigoroso, cheio de meiguice e de bondade.

CURIOSIDADE ÚTIL

Porque disseste, minha Mãe, que só queres plantar na casa nova árvores frutíferas ; então não são frutíferas todas as árvores do Mundo ?

— Chamamos árvores frutíferas ás cultivadas para produzir alimento, educadas para fartura e riqueza dos pomares. São dirigidas de um modo especial, enxertadas, transplantadas em ocasião própria, etc. Larangeiras, Uvaieiras, Abacateiros, Mangueiras, Macieiras, etc, são árvores frutíferas. Eu não teria espaço para outra espécie de árvores.

— Quais são elas ?

— São as florestais, por exemplo. Essas que nascem espontaneamente no mato, que são muitas vezes lindíssimas, mas que não produzem fruto apreciavel. Has de ouvir tambem falar das árvores de ornamentação ; essas são destinadas aos parques, aos jardins de luxo, porque todo o seu merecimento está na beleza da fôrma e no esplendor das suas flores.

— Sei. A Larangeira é uma árvore frutífera o Vinhático uma árvore florestal, a Acácia uma árvore ornamental.

— Justamente.

— Ontem meu avô disse que na terra dele ha árvores verdes ! Pois não são verdes todas as árvores ?

— Teu avô é de um país em que no inverno as árvores secam. Algumas, porém, como o Pinheiro, conservam a sua côr verde durante todas as estações. E' a essas que chamam árvores verdes.

— E as económicas ?

— Chamam assim ás plantadas com fins comerciais, como o Cafeeiro, o Cacáueiro, a Seringueira, o Algodoeiro, a Paineira.

— E as resinosas ?

— As que produzem resina, que é uma substância que escorre de certas árvores, — como o Pinheiro, a Aroeira, etc. Ainda ha tambem as árvores de especiaria — que produzem a canela, o cravo, etc.

— E as que chamamos Árvores Gigantes que dimensões devem ter ?

— Chamam-se gigantes ás que sóbem acima de trinta e tres metros ; e anãs as que não atingem mais de um metro de altura.

Os nossos Jequitibás são gigantes ; mas temos tambem em campos e no sertão — Cajueiros, Araçaseiros agrestes anões que, apesar disso, produzem boa fruta.

AS FLORESTAS E OS VENDAVAIS

Sem a protecção das árvores, a violência do vento secaria as plantas débeis, em sua grande parte tão necessárias á vida humana. As florestas são como imensas trincheiras, ante as quais se quebra o impulso furioso dos vendavais.

Em todos os países onde é grande a devastação das florestas são consideraveis os perigos causados pelos furacões. Na Algéria, colónia francêsa ao Noroeste da Africa, não ha nada que resista ao sopro ardente do Sirôco, vento quente que assola aquelas regiões. E os formidaveis ciclones dos Estados Unidos, que tantos danos produzem, são principalmente causados pela devastação dos bosques desse país industrial.

Muita razão tem um escritor e propagandista da árvore em França, dizendo em uma das suas obras que com a destruição das matas o « homem semeia o vento e colhe a tempestade ».

Quando é leve e brando, o vento,
Transporta o pólen da flor,

Abastece e aformoseia
A terra, — que é núa e feia.

Mas irado, em um momento
Destrói, devasta, semeia
O espanto e o horror !

O MAMOEIRO

O Dr. Pedro Aleixo lia no seu escritório quando sentiu que lhe batiam á porta.

— Entre quem é ! gritou ele no seu falsete de velho ; e logo com surpresa viu entrar na sala o seu netinho Augusto, menino inteligente, de dez anos de idade.

Aquilo era um caso extraordinário ! As crianças de casa tinham ordem (que elas cumpriam rigorosamente) de não perturbar as leituras do avô, homem amigo de concentração e de sossêgo.

— Que queres de mim ? perguntou este, observando o ar sério e pensativo do pequeno. Vens trazer-me algum recado de tua Mãe ?

— Não, senhor ; ninguem sabe que eu estou aqui ; vim por minha própria vontade, para lhe pedir um conselho.

— Ah ! pois senta-te aí nessa cadeira, e conversemos. De que se trata ?

— De saber qual a árvore frutífera que deverei plantar no meu terreno.

— No teu terreno ? ! perguntou o avô admirado.

— Sim, senhor. Minha Mãe dividiu agora o

quintal em seis partes distintas : a primeira para o jardim, a segunda para a horta, a terceira para o galinheiro, a quarta para tanque e córadoiro, a quinta para mim, e a sexta para minha irmã, com a condição de tratarmos com todo o esmero dos nossos respectivos quinhões. Maninha resolveu encher o dela de roseiras ; mas eu cá por mim prefiro cultivar árvores de fruta, que cresçam depressa e com as quais possa ganhar dinheiro.

— Nesse caso planta o Mamoeiro.

— Por que me aconselhou essa planta em vez de outra qualquer ? Creio que meu avô não teve sequer tempo de pensar antes de responder ! E o assunto é sério !

— Sim, é sério, e por toma-lo em consideração foi que lembrei o Mamoeiro, por ser uma planta excelente e estar nas condições que desejas. Aprovo a tua ideia e associo-me ao teu esforço com o maior prazer. Se todos os rapazes da tua idade aproveitassem um cantinho do quintal dos pais para um ensáio de *pomologia* (que é a arte de tratar dos pomares), dentro de poucos anos teríamos grande fartura de frutas, o que redundaria em beneficio para o Brazil. Vou expor-te agora as razões por que lembrei o Mamoeiro : apenas enterrada, a sua semente germina, e em pouco tempo a plantinha aparece, desenvolvendo-se com rapidez e elegância. Logo que seja adulta, a sua frutifi-

cação não se faz esperar. Venderás então os mamões, quando maduros, para o, que não faltarão compradores, pois tanto servem para a sobremesa dos homens como para a engorda da criação. Acontece que sendo, como és, tão inteligente e activo, saberás também tirar partido dessas mesmas frutas quando ainda verdes, recolhendo-lhes o suco leitoso de que se extrai a papaina, suco que fornecerás a drogarias e farmácias para a fabricação de certos medicamentos que têm sempre applicação. Esses mesmos frutos verdes servem para dôces, conservas, guisados, etc. Foi a sua fôrma e o seu leite que deram origem ao nome da árvore, fazendo os portuguezes derivar o vocábulo — mamão — do vocábulo — mama. As próprias flores dessa árvore tão útil quanto graciosa, servem para a composição de um xarope com que se cura a asma ; e as suas folhas, tão caprichosamente recortadas, além de fornecerem também a papaina, podem servir de alimento a galinhas e outros animais. Dizem até que nas Antilhas os negros se servem delas para ensaboar roupa ! Bem vês que não faltam applicações para os produtos do Mamoeiro e que nenhuma árvore, portanto, poderá dar em curto prazo tantas vantagens. Ainda ha uma circunstância a notar : é que, sendo o terreno de pequenas dimensões, não poderás plantar nele senão árvores de pouca ramagem e fina sombra.

Esta tem a excelente qualidade de não precisar de grande espaço.

— Bem ! nesse caso vou pedir a meu Pai que me traga ámanhã sementes de Mamoeiro. O que já me incomoda, meu avô, é a ideia de que me não comprem depois todos os mamões !

— Eu te pagarei aqueles que os passarinhos comerem. E' só dizeres em que moeda queres o pagamento.

— Em beijos, meu avô, em beijos !

A RIQUEZA NACIONAL

O Brazil é um país que vive da exploração da terra. E' um país agrícola.

Ora, os países agrícolas vivem em geral do cultivo dos cereais : trigo, aveia, centeio, arroz, milho ; das forragens : alfafa, fêno, etc., e dos legumes e plantas comestiveis, como beterrabas, batatas, ervilhas, etc. São estas culturas, além do linho, as que fazem a fortuna das principais nações agrícolas do Mundo.

O Brazil vive porêem da exploração da Árvore, o que é raro.

Assim, vejamos : a principal fonte de renda da nossa terra é o café ; é, portanto, um produto da Árvore. Além do café, exportamos tambem em larga escala a borrachã, outro produto da Árvore. O cacáu, as castanhas do Norte, os côcos, que tambem tanto lucro nos dão, é á Árvore que os devemos ; e o mesmo se dá quanto ao algodão, o mesmo quanto ás madeiras. Assim, é a Árvore a grande riqueza da nossa terra, e é da Árvore que todos nós vivemos, directa ou indirectamente. Eis aqui um motivo mais para a nossa gratidão e para o nosso carinho !

Se nos outros países, onde as árvores não constituem por si mesmas uma riqueza, todos as exalçam com tão justa veneração, é natural que nós aqui ainda as tenhamos em mais alto apreço e mais enternecidamente as amemos!

O Brazil vive das árvores.

Os brasileiros devem amar e proteger as árvores!

NA FAZENDA

Pela manhã, tomado o café quente,
Tomado o banho frio,
De roupas e alma leve, alegremente,
Eu desci pela encosta da vertente
A caminho do rio.

O passo vagaroso, o olhar incerto
Ora aqui, ora ali,
Longe dos homens, mas de mim mais perto,
Rijo como um pinheiro, e alegre, e esperto
Como nunca me vi !

Segui pelo pomar. Velhas Mangueiras
Carregadas de mangas,
Abios, uvas, Jaboticabeiras,
E, como brincos na árvore, as faceiras,
As gostosas pitangas.

Cheguei depois á cêrca. Junto a ela,
Perto do grande Ipê
Que abria a copa em flor, toda amarela,
Eu a vista alonguei sobre a cancela
De onde o rio se vê

Pelo capim molhado dos caminhos
Borrifados de orvalho
Segui depois, ouvindo os passarinhos,
Quentes ainda do calor dos ninhos,
Voando de galho em galho.

Além, como um mar vêrde, as folhas finas
Em riste para o ar
E prateadas de gôtas cristalinas,
Estendiam-se, em várzeas e campinas,
Os campos de criar.

Poldros, de pêlo fino e fórma airosa ;
E, chifres no ar, em riste,
Bois mansos, de ossatura monstruosa,
A figura simpática e bondosa,
O olhar sereno e triste.

Depois, de um verde-negro, a ambos os lados,
Os densos cafesais
Lembravam hostes bárbaras, soldados
Marchando em fila, a passos compassados,
Rijos, hirtos, marciais.

E ainda mais além, já mais distante,
Em tons claros e suaves,
O milharal ondeava ao Sol radiante,
Como que o milho novo e loirejante
Oferecendo-ás aves.

E ante o aspecto risonho da fazenda,
Eu meditei, então,
Na grandeza da luta extranha e horrenda,
No esforço imenso, na aflição tremenda
Do homem, lavrando o chão !

Do homem que, braço a braço, a pedra dura
Desfez, e a terra brava
Arou, semeou, plantou, — e que a fartura
Fez brotar, pelo esforço da cultura,
De um chão que nada dava !

Ah ! bemdito o trabalho corajoso,
O esforço pertinaz,
Que este chão, antes feio e pedregoso,
Assim faz cultivado, assim formoso
E produtivo faz !

A PADARIA VERDE

Chegaram inesperadamente uns hóspedes de cerimónia, a uma fazenda desprovida de certos confortos. Entre todas as faltas, a que mais avultava era a do pão. A dona da casa inquietou-se: como havia de ser? não contando com visitas, exactamente nesse dia ela mandara fazer pequena quantidade de bolos para o café.

— E agora?! perguntou ela muito embaraçada ao marido.

— Agora, respondeu ele fleugmaticamente, vai-se á padaria.

— Á padaria?!

— Sim.

— Estás sonhando, meu amigo. Bem sabes que a padaria mais próxima da nossa fazenda fica a tres léguas de distância.

— Não. Quem está sonhando és tu. A vinte metros da nossa porta temos pão, e pão excelente. E' só manda-lo buscar

A pobre senhora olhou para o marido com verdadeiro terror. Estaria ele dôido? com certeza; entretanto notou que a sua fisionomia era plácida e risonha.

— Experimenta e verás, disse ele sorrindo e penetrando o pensamento da mulher.

— Pois sim ! disse esta, — vai tu buscar esse tal pão excelente de que falas. Sempre quero ver o que me apresentas.

— Está dito.

O fazendeiro saiu alegremente pela porta fóra e momentos depois voltava trazendo uma magnifica fruta-pão.

— Bem vês que eu não estava louco nem tampouco sonhando. Aqui tens com que suprir a falta que lamentavas. Afirmo-te que os nossos hóspedes muito apreciarão umas fati-asinhas desta fruta assada, cobertas com uma camada da manteiga que fizeste hoje, e que por sinal está deliciosa.

— Parece impossivel que eu não me tivesse lembrado disto, exclamou a fazendeira.

— E' sempre assim : a gente esquece-se do que tem para lamentar-se do que não tem !

O caso é que o expediente teve um magnífico resultado, e a fazendeira capacitou-se de que realmente tinha uma padaria a vinte metros da sua residencia, nas belas árvores de fruta-pão do seu pomar.

A fruta-pão ! Não ha em todo o Mundo árvore mais ornamental do que essa ! De onde será originária ? Dizem que de Java, e de outros lugares que lhe ficam próximos. Seja qual fôr a sua proveniência, o que é certo é que ela

se dá muito bem no Brazil, principalmente nas suas regiões mais húmidas e mais quentes. Quem a teria introduzido em nossa terra ? Com certeza os portuguezes, que nos primeiros anos do seu descobrimento trouxeram das viagens que faziam á India, tanto esta, como outras plantas preciosas, como a Mangueira, por exemplo, para riqueza e variedade dos pomares brazileiros.

Conta-se que nas ilhas Marquezas, do arquipélago francês da Polinésia, onde essa fruta é nativa e abundante, fazem com ela apetitosos acepipes, quer misturando-a com leite de côco e açúcar, quer cozendo-a ou assando-a com manteiga de vaca, ou, ainda, preparando-a com ovos, queijo ou cacáu.

Como se vê, além de ser das mais belas, esta planta, que pode com tanta propriedade figurar em um parque de luxo como no fundo de um pobre quintal, merece com justiça o titulo simpático que lhe deu o fazendeiro de : — Padaria.

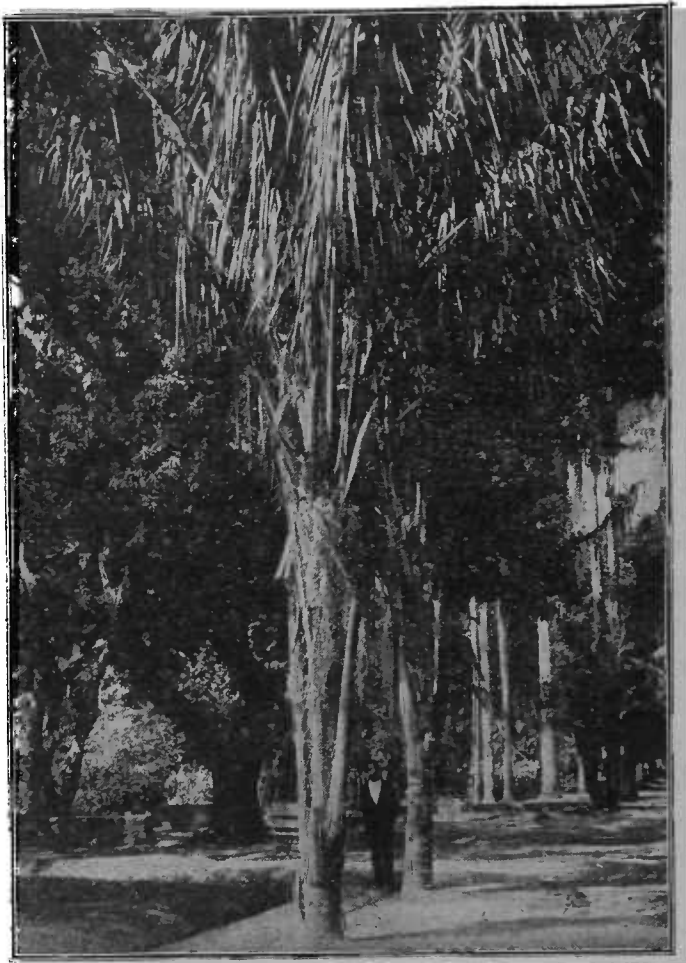
Realmente, é uma padaria verde, em que o forneiro é o Sol !

LUTA IGNORADA

Entre os objectos de uso doméstico, nenhum tem aparência mais modesta, nem funções tão humildes como a vassoura de piaçaba, e no entanto mal sabem os que dela se servem quantos sacrificios a pobre representa !

Nos dias cálidos de verão, seguem pelas margens do rio Negro, no interior do Amazonas, os míseros matutos em busca da palmeira da Piaçaba. O Sol queima-os, atravez da vaporação ardente da floresta ; nuvens de mosquitos zumbem aos seus ouvidos, em uma perseguição irritante, e eles caminham, na ânsia da almejada colheita, desprezando dificuldades e perigos. Quando, finalmente, encontram alguma dessas plantas singulares, preparam-se para a luta corpo a corpo, façanha de que saem imundos e exaustos, embora vencedores.

A palmeira da Piaçaba é atacada á unha : os homens levantam os braços e arrancam-lhe ás mãos ambas os longos fios pretos da cabeleira, que toda se enreda desgrenhada e hirsuta pelo tronco acima. O vegetal atacado vingase da afronta fazendo cair sobre os assaltantes um pó negro de humus sêco e folhas pulveri-



A Piaçaba

zadas, que se lhes mete pelos cabelos, que os sufoca, entupindo-lhes as ventas e entrando-

lhes pela bôca, ou que lhes inflama os olhos como cinza quente. E, com a nuvem de pó, desce outra, de miriades de insectos visíveis e invisíveis, que lhes dão ferroadas e lhes cobrem a pele de imundicie e de um prurido desesperador

Depois de limpa e de enfiada, a piaçaba (ou piassava) segue o destino das fábricas de escôvas, capachos e vassouras. E' material de preço barato, e que mal dá para o sustento daqueles que com tanto sacrificio o vão buscar á margem dos rios fundos e perigosos.

A vida é uma luta renhida e constante, na qual muitas vezes os maiores herois são os mais humildes e ignorados.

A FESTA DAS ÁRVORES

Criar uma floresta é enriquecer a Pátria com uma conquista que não custa nem uma lágrima, nem uma gota de sangue.

M. CHARLOT.

A idéia da — Festa das árvores — hoje realizada por tantos colégios e municipalidades dos países mais cultos do Mundo, foi lembrada por um francês chamado Fourrier, no começo do século passado. Esta idéa percorreu a Terra durante sessenta e cinco anos até ser posta em prática pelos reis da Itália, Espanha e Inglaterra, pelo presidente Roosevelt, nos Estados-Unidos, pelo imperador da Áustria, etc. Em muitas capitais e pequenas cidades do Mundo são agora levadas a efeito essas cerimónias que além de utilíssimas, são extremamente simpáticas.

Um americano de vistas largas e grande patriotismo, o Dr. Sterling Morton, vendo a necessidade do seu país reagir contra o despoamento das florestas, instituiu nos Estados-Unidos o *dia da árvore* (*The arbor-day*), para

festejos tendentes a inspirar á juventude o respeito pelos bosques e a fazer compreender ás gerações novas a necessidade de conservar e melhorar as riquezas florestais. O resultado dessa deliberação foi plenamente satisfatório. Só no Estado de Nebraska, de 1872 a 1895, plantaram tresentos e cincoenta milhões de árvores e replantaram oitenta mil hectares.

Em 1902 foram organizadas cerimónias análogas na Itália. Os discipulos das escolas de Roma plantaram milhares de mudas de árvores sob as vistas do rei e da rainha. Introduzidas tambem na Espanha, por influênciã da sociedade catalã, depressa as festas das árvores se reproduziram por todo o país. Ha uma associação em Barcelona instituida só para o fim de proteger as árvores, associação que funciona desde 1898.

Temos nós tambem no Brazil feito com interesse e carinho várias festas das árvores, e é natural que estas se repitam com tanta ou maior frequência quando nos formos todos convencendo de que só redundam em benefícios de toda a ordem para a nossa terra.

JACARANDÁ BRANCO

Em um recanto do parque, um frondoso Jacarandá branco arredondava a sua copa de folhagem miuda sobre um banco solitário, onde eu ia ler de vez em quando. Foi isto por umas vadias férias de que ainda conservo saudades. Em nenhum outro ponto de casa ou do próprio parque encontrei eu nunca lugar mais propício ao estudo e á meditação. Dir-se hia que a doce árvore envolvia maternalmente o meu espírito, esclarecendo-o e habilitando-o para a fácil compreensão das minhas leituras.

Sabendo-me isolada do humano convívio, eu declamava muitas vezes em altas vozes os meus poetas preferidos, e parecia-me sentir nas raízes da árvore, em contacto com os meus pés, vibrar uma comoção enternecida e comunicativa. Redobrava o meu entusiasmo á idéa de que esses versos divinos fossem compreendidos pela árvore cujas ramagens se balançavam sobre a minha adolescência.

Comecei a ter pelo Jacarandá uma espécie de superstição. Nada disse aos amigos ; eles talvez se rissem de nós. Só os meus ouvidos entendiam os segredos das folhinhas leves, só

a minha voz sabia dizer-lhes as rimas que as tornavam felizes.

Mas, ai de mim ! as férias tinham de acabar. No último dia, lá corri a assentar-me á sombra do Jacarandá. Quiz ainda dizer-lhe uma vez os meus versos amados, mas a voz embargou-se-me na garganta, e desatei a chorar. Soluçava, quando repentinamente senti cair sobre mim uma chuva de flores admiraveis, flores ainda novas, côr do céu de primavera. Colhi-as do regaço ás mancheias, cobri com elas o meu cabelo, mergulhei-as no meu seio. A árvore respondia ao meu sofrimento cobrindo-me com um manto de consolação e de beleza ! Dizia ao meu adeus um outro adeus inesquecível.

Bem dita a alma do Jacarandá !

DIA DE NATAL

(SCENA INFANTIL)

PERSONAGENS

Anita	Baronêsa
Luisa	Manoela
Carlos	Joana
Amélia	Alfredo
Rosa	Clotilde

ANITA

Porque será, Luisa, que a nossa avòsinha convidou hoje tantas crianças para virem a nossa casa ?

LUISA

Desconfio que nos preparam alguma surpresa. Ando doidinha também para saber do que se trata ! Ontem á noite o velho Simão veio carregado de embrulhos. Tu já dormias, mas eu ainda não me tinha deitado, e corri a perguntar-lhe que seria tudo aquilo. Sabes que

me respondeu ? — que eram « pacotinhos de linguas de perguntador » !

ANITA

E não teimaste em abrir ao menos um dos embrulhos ?

LUISA

Não pude ; tia Clara chegou nesse momento e arrebatou tudo para o seu quarto ; e hoje estão fechados na sala desde manhã.

ANITA

Se não fosse feio espiar pelo buraco da fechadura !.

LUISA

Isso nunca, espiar é uma acção horrivel ! O que for soará.

CARLOS (*entrando muito alegre*)

Já está muita gente no jardim ! A filha da lavadeira, o neto do Renato, mais a sobrinha do jardineiro. Vocês nem fazem idéia como veem bonitos. Tia Virgínia tambem está, com as

meninas ; e só a Baronêsa trouxe nada menos de quatro crianças !

ANITA (*para Luisa, com enthusiasmo*)

Vamos ve-las ?

CARLOS (*opondo-se com gesto imperativo*)

Não ! a avôsinha disse da janela que nos reunissemos todos aqui até ouvir a campainha do salão. Olhem, aí vem a Senhora Baronêsa !

BARONÊSA (*entrando compassadamente*)

Bons dias, meus amores !

LUISA e ANITA

Bons dias, Senhora Baronêsa.

BARONÊSA (*acompanhada de quatro crianças*)

Como estais córadinhas, e que fulgor que tendes nos olhos !

LUISA

E' de curiosidade.

ANITA

E de alegria !

CARLOS

Que se estará passando atraz daquela porta,
Senhora Baronêsa ?

BARONÊSA

Um divino mistério.

AS QUATRO CRIANÇAS da Baronêza (*umas
para as outras, sucessivamente*)

Que será ?

Que será ?

Que será ?

Que será ?

CARLOS (*pensativo*)

Um mistério ! Mas deve ser alegre, porque
oigo rir

ANITA

Eu fico tão contente quando a avòsinha ri..

(*Entram Amélia, Rosa e Alfredo*)

ROSA

Bons dias.

ALFREDO

Bons dias.

AMÉLIA

Bons dias.

*(Fazem cumprimentos á moda aldeã.
Todos correspondem á cortesia com
outras cortesias).*

BARONÊSA

Vinde, meus amores, para ao pé de mim.
Não vale a pena sentar-vos, que agora a de-
mora é pouca.

CARLOS

Eu estou cheio de impaciência !

(Chega tia Virgínia com as duas filhas)

LUIZA

Entre, tia Virgínia ! *(corre a beija-la)*

TIA VIRGÍNIA (*arrimada a um bastão*)

Ah ! não posso andar depressa ; isto vai devagar, vai devagar. Apesar de minha velhice não quiz deixar de vir ter comvosco, e unir a minha voz de saúdade aos louvores da vossa voz esperançosa. Como era bom, o tempo em que eu tinha a vossa idade, tempo que não volta mais ! embora eu esteja tornando a ficar do vosso tamanho. não vêdes como me faço pequenina ? (*ri-se*) Eh ! Eh ! Eh !

BARONÊSA

Deixemo-nos de ternura. Agora estamos completos, não falta ninguém.

ANITA

Que bom ! Tantas crianças !

LUISA (*influida**)

Vamos dançar uma ronda ?

AMÉLIA

Qual ha de ser ?

ALFREDO (*cantando*)

Viuvinha da parte dalêm. (*estendem-se as mãos*).

BARONÊSA (*impondo silêncio*)

Agora não ; ouvi antes o que vos vou dizer, a pedido da avòsinha ; sabeis que dia é hoje ?

TODOS

E' o dia de Natal.

BARONÊSA

Bem. Pois chegado este dia todos os povos cristãos comemoram na Terra a bondade de um Pinheiro, que ha mais de mil e novecentos anos aparou, nas suas frageis agulhas, grossos blocos de gèlo, e a fofa neve, e o áspero granizo para que nada disso recaísse sobre o berço humilde em que, á sua sombra, dormia o Nazareno. A pobre criancinha recém-nada deveu assim a vida á protecção de uma árvore.

AMÉLIA (*sensibilizada*)

Que boa alma, a do Pinheiro !

BARONÊSA

Resguardando Jesus em pequenino, ele projectou a sua sombra clemente através dos séculos por toda a Humanidade. Das suas tábuas é construída a maior parte das habitações de todo o Mundo ; mas é sobretudo por ter sido bom para com uma criancinha que as mães e as avósinhas o veneram tanto, o iluminam e adornam neste dia de rememoração.

(Ouve-se uma campainha, as crianças perfilam-se curiosas. Abre-se a porta da sala e vê-se nela um pinheiro iluminado e florido. A avósinha sorri ; lia Clara sorri ; todos sorriem. Rompe a música e cantam um cântico.)

O PINHEIRO

(ARVORE DO NATAL)

Ha dois mil anos, pequenino,
Eu protegi o Deus-Menino,
Nosso Senhor.

Por isto agora, á minha volta,
Vos vejo vir cantar á solta

Hinos de amor :

« Bemdita a árvore que outr'ora
Abrigou Deus, do Céu descido !
Dêmos-lhe em troca nós agora
O nosso canto agradecido !

Na sua fórmula original,
Pinheiro esguio erguido aos céus,
Lembra uma torre vegetal,
Cheia do espírito de Deus !

Igreja vêrde, sê bemdita !
Os teus pinhões, que o vento agita,
São como sinos.

E, para ser mais claro o exemplo,
Nem faltam côros nesse têmplo :

Pois nos teus ramos cantam aves,
Rezando em músicas suaves
Os sacros hinos !

Ouve, Pinheiro aos céus erguido,
O que cantamos todos nós,
Que é o próprio Deus agradecido
Que te bemdiz por nossa voz !

SANEAMENTO DOS PÂNTANOS

Nos seus passeios pela fazenda do tio, passou Páulo uma vez a cavalo por uma estrada em cujas margens havia uma grande área de terreno alagadiço onde, apesar da humidade, várias árvores novas, ainda pequenas, cresciam admiravelmente, plantadas em longas filas paralelas.

Ao chegar a casa, Páulo perguntou ao tio se havia sido ele quem mandara plantar aquelas árvores em tal lugar. Recebendo resposta afirmativa, não se conteve o rapaz, e indagou por que tendo a fazenda tantas terras sêcas e de fácil cultura, fôra o tio escolher aquele terreno pantanoso para o plantio de tantas árvores.

A isto respondeu o bom fazendeiro com um sorriso nos lábios :

— Tu és bastante curioso, o que muito me agrada. Querer saber é sempre uma prova de inteligência e de boa vontade. Vou portanto dar-te uma pequena lição sobre a utilidade das árvores quanto á salubridade dos terrenos.

E depois de acender o seu cigarro de palha o fazendeiro continuou :

No lugar por onde hoje passaste a cavallo, havia antigamente, ha muitos anos, uma pequena aldeia de colonos. Se reparaste bem debes ter visto próximo á estrada restos em ruina de casas abandonadas.

— Sim, vi.

— Pois bem : os pântanos que rodeavam essa aldeia é que a fizeram desaparecer. Os seus habitantes foram sendo pouco a pouco dizimados pelas febres perniciosas, maleitas ou sezões, e só escaparam á morte os que fugiram a tempo daquele maldito lugar. Quando eu comprei a fazenda, ha quatro anos, o meu primeiro cuidado foi sanear os ares daquela região, acabando com todos os micróbios perniciosos ali existentes. Não tendo recursos para abrir grandes canais por onde se escoassem as águas rapidamente, resolvi purificar as águas dos pântanos com a plantação de árvores.

— Então as árvores purificam as águas ? !

— Sim, senhor. Algumas árvores bastam para sanear um terreno. As árvores, meu querido Paulo, absorvem as águas pútridas do sólo, distilam-nas, filtram-nas, e restituem-nas á atmosphera em estado de gazes puros : o *oxygénio* e o *ozona*, que nos alimentam os pulmões. Vou contar-te a historia de Bufarique, uma pequena cidade da Algéria, fundada e saneada

pelos francêses. Sabes onde fica a Algéria, pois não ?

— Sim, senhor, fica ao Norte da Africa, á beira do mar Mediterrâneo.

— Pois bem. Em 1836 fundaram os francêses a pequena cidade ao centro de um extenso tremedal. O terreno foi todo cortado por numerosos canais, mas nem assim conseguiram os habitantes do lugar gosar de um clima salubre. Em 1842, seis anos depois de fundada, foi publicado um documento official no qual se dizia ser Bufarique «a localidade mais insalubre da Algéria». Trinta por cento da população morria anualmente atacada pelas fêbres. Recorreu então o governo ao plantio de árvores. Eucaliptos, Salgueiros, Choupos, foram plantados. Cinco anos depois, enquanto as árvores cresciam, já em vez de trinta só morriam doze pessôas em cada cem habitantes. Tres anos depois, só moriam tres. E finalmente, em 1870, o clima da cidade era, em outro documento official então publicado, julgado «um dos mais salubres do Mundo!»

— Assim dentro de alguns anos.

— Assim, dentro de alguns anos o lugar por onde hoje passaste a cavallo — e que agora está abandonado — virá a ser um centro de actividade e de cultura, graças ás modestas árvores que ali plantei.

A MAMONEIRA

Quantas plantas inúteis ! exclamou uma vez o pequeno Paulo, ao visitar o pomar da fazenda do tio, onde fôra passar as férias do colégio.

— Por que julgas inúteis essas plantas ? perguntou-lhe o tio. E continuou :

Não ha plantas inúteis. Nem plantas nem nada mais, pois tudo que a Natureza produz tem uma utilidade, maior ou menor. Tudo é útil na Terra.

— Oh, meu tio ! Pois então o senhor julga úteis estas pobres plantas enfêzadas, que nada produzem além de um frutinho antipático que não se come ?

— Certamente que as julgo úteis ! Julgo-as mesmo utilissimas, como toda a gente que as conhece.

— Eu tambem as conheço, e muito bem ! chamam-se *Mamônas* !

— Sabes o nome dos frutos ; mas isto não quer dizer que os conheças, pois não sabes para que servem.

— Para que ?

— Para a fabricação de um certo óleo medicinal que tu bem conheces.

— Qual ?

— O óleo de ricino.

— Que horror ! exclamou Paulo com espanto, lembrando-se do sabor desagradavel do óleo de ricino.

— É' então da Mamôna que se extrai esse remédio ?

— Sim, é dela. E não só o óleo de ricino, como outros óleos, grossos uns, finos outros, que são geralmente considerados os melhores lubrificantes para máquinas.

Já vês — continuou o fazendeiro sorrindo — que a mamôneira, a *antipática* mamôneira é de grande utilidade. E como eu gosto de aproveitar todas as ocasiões para te esclarecer e aconselhar, sempre te quero dizer que o homem sensato nunca deve afirmar uma coisa que não sabe. Tu asseguraste que as mamôneiras eram inúteis. Agora, que já lhes conheces as qualidades, que me dizes ?

— Digo-lhe que o senhor tem toda a razão e que eu procurarei emendar-me !

FLAMBOYANTS

Os flamejantes *flamboyants* que davam á minha cidade, no ardente mês de Dezembro, a pompa da sua púrpura vibrante e a sombra das suas ramas espalhadas, onde estarão? Que machado inclemente teria decepado cerce pela raiz essas árvores, maravilha dos estios abraçados?

De uma, que eu conheci, nem ha vestígios. Que mal teria feito essa árvore benigna, á sombra da qual a criança pobre brincava de cabeça nua, e a cujo tronco se recostava, á noite, o violeiro do bairro, acompanhando-se nas trovas da *Casa branca da serra*?

Aborreceram-se dela porque, extenuada por uma produção violenta, a infeliz despia-se nos meses em que as suas folhas não fazem falta a ninguem. A terra no inverno gosta do Sol. Chegada essa quadra, a árvore do *flamboyant* desnuda-se, para que o Sol beije a terra de que ela irrompe triunfalmente. Então os seus galhos sêcos descrevem no chão, em curvas delgadas. sombras fantásticas, dizes que a gente pisa sem procurar entender, ou erguem-se para os astros como a dizer-lhes :

— Não nos interpômos entre vós e a terra de que somos filhas. Inundai-a de luz, penetrai-a de orvalho, enchei-a de carícias !

Os astros entendem as árvores. Chegado o tempo em que a sombra é doce e o Céu inclemente, o *flamboyant* desabotôa-se, e até onde podem chegar os seus braços chega a paz e a fresquidão !

Nós é que não compreendemos a linguagem das árvores, e essa, nascida para as glórias da cigarra, companheira e nuncia do calor, florindo quando ela canta, secando quando ela morre, ainda era para nós muito menos compreensível do que todas as outras, eternamente umbrosas, eternamente verdejantes.

Os nossos olhos egoistas não se contentam com um espectáculo transitório ainda que maravilhoso. Queixamo-nos de haver monotonia na nossa paisagem, e sacrificamos as árvores que mudam, só porque mudam ; as árvores que não apresentam sempre o mesmo aspecto, que não abrigam o ano inteiro as aves e os ninhos, árvores que dormem e cuja alma errante vôa como vôam as andorinhas, a reflorir em outras paragens frondes despidas e saúdosas da flor

Quem nos diz. sim, quem sabe ? se essas finas e fugitivas nuvens rosadas que vemos no outono deslizarem no Céu da tarde, não serão a magnífica essencia dessas flores de luz, seguindo o destino de outros climas, para lá che-

garem á hora quente, em que a primeira cigarra inebriada cante o seu primeiro hino ao Sol ?

Não sei ; ninguém sabe. A poesia adivinha muita coisa, mas não explica tudo ; e ha um sofrimento e um deleite nesses mistérios apenas presentidos.

Só assim se explica a tristeza que anda no ar ao agonizar da primavera. Quando a alma violenta da flor dos *flamboyants* voltar aos ramos tão amados, já raríssimos encontrará de pé. Os machados assassinos têm decepado quasi todos, cortando-os rente ao chão.

Pobres almas vagabundas, e agora ? Voltai para donde viestes, voltai e ficai certas de que ha alguém que vos lamenta, alguém tão pequenina que o seu grito mais clamoroso se perderia a curta distancia, como um suspiro... Alguem, que não tendo forças para nada, desejaria enraizar na terra da Pátria tudo o que enebria os seus olhos extáticos ; alguém que para conforto das cigarras e alegria das florestas, gostaria de plantar aqui e além entre os tufos negros da vegetação dos morros, os maravilhosos *flamboyants*, de umbelas luminosas esplendendo ao Sol !

CAÇADORES BENÉFICOS

Protegendo o ninho, a árvore protege o homem.

— Porque ?

Porque os passarinhos são os melhores e mais activos defensores das nossas lavouras e da nossa saúde. Sem o auxílio dos pássaros — esses caçadores vorazes e agilíssimos — o Mundo acabaria por ser devastado por legiões de lagartas, moscas, aranhas, gafanhotos e mosquitos.

Quantas doenças mortais ou repugnantes as ferroadas de alguns desses insectos transmitiriam á gente do campo, se a fome e a actividade dos pássaros não a preservasse do mal, aniquilando-lhes o inimigo ?

Quantas plantações seriam destruídas, quantos rios contaminados, quantas florestas abatidas pelo caruncho e o cupim, se as avezinhas, saneadoras da terra, não se alimentassem de insectos ?

Quem ama a vida e os homens, deve pois

amar os pássaros e protege-los, para que eles possam continuar a proteger-nos.

Deixai tranquilos os ninhos !

Não mateis os passarinhos !

Sabei que as aves são as protectoras

Dos homens, das florestas, das lavouras !

OS FÉTOS

Os fétos gigantes do Brazil rivalizam em beleza e graça com as mais lindas palmeiras. Eles dão ás paisagens um encanto especial e delicado. O penacho das suas folhas recortadíssimas, dobrando-se em uma curva graciosa de um verde alegre, reveste de uma enorme elegância esse distinto vegetal. O cáule do fêto arborescente alonga-se sem aumentar em diâmetro, e é marcado de alto a baixo por cicatrizes deixadas pela queda das folhas. Essas cicatrizes são, no alto do tronco, contíguas umas ás outras e muito regulares, enquanto que mais em baixo são espaçadas, e menos perfeitas, o que indica que o cáule cresce mesmo após a queda das folhas.

É uma planta tão ornamental e sedutora que quem a vê no mato sente, instintivamente, o desejo de a transplantar para uma estufa ou um salão de luxo, onde ela possa ostentar a sua linha aristocrática e a estrela da sua fronte harmoniosa.

A vitalidade do fêto é extraordinária. Quem escreve estas linhas teve na sua sala de jantar

um pedaço de cáule de fêto a que estava segura uma orquídea. Com surpresa e prazer via ela, de tempos a tempos, surgir desse velho tronco decepado uma folhinha verde que nascia medrosa, e em poucos dias crescia para o têto como uma pluma audaciosa. Era a inconfundível folha de fêto que irrompia d'entre as fibras espedaçadas da madeira cortada, como se ela estivesse ainda viva e em comunicação com a terra. Essa particularidade não foi vista poucas vezes, nem em curto espaço de tempo ; durante cerca de ano e meio esse bocado de fêto se deu ao luxo de enfolhar no interior de uma sala.

Não sei se este caso é fenomenal ou se já terá sido muitas vezes observado. As qualidades excepcionais de duração dos fêtos, fazem com que os cultivadores de orquídeas prefiram a sua a qualquer outra madeira para a colocação das plantas. Quiz a Natureza que esses arbustos rendilhados e leves, cujas raízes estão á flor da terra, se transformassem, com o correr dos séculos, em carvão de pedra.

A hulha é uma transformação do fêto. Florestas soterradas dessas plantas forneceram á humanidade, milénios depois, um material precioso e que muito serviu para o progresso do Mundo.

É assim que uma modesta planta do mato,

que para muita gente não tem outra virtude senão a de indicar os terrenos estéreis, pôde dar ao trabalho e ao esforço do homem tão grande auxílio !

A ALMA DA FLORESTA

Quando a treva, noite alta, envolve os cumes,
No silêncio da selva socegada
Surge a Alma da Floresta, acompanhada
Por um enorme séquito de nubes.

Dão-lhe as flores o incenso dos perfumes,
E, como se chovesse luz, dourada,
A floresta resplende, iluminada
Por milhões e milhões de vágalumes.

Parece feita de luar e bruma.
As árvores visita, de uma em uma,
Subtil como o murmúrio de uma prece.

E quando surge o Sol, diáfana e leve,
Dissipa-se na luz, e alva de neve
Como um sonho se esvai. desaparece.

PARA SE TER ÁGUA

Todas as vertentes que não sejam revestidas de árvores, correm o perigo de se verem danificadas pelas enxurradas das grandes chuvas.

A força da água é extraordinária ; no seu ímpeto ela desloca grandes pedras, cava o terreno em sulcos profundos, arrasta materiais de toda a ordem que encontre no seu caminho e que, engrossando a sua torrente, a tornam mais irresistível e perigosa. Além dessas desordens, ainda as enxurradas têm a desvantagem de levar do solo a camada de terra vegetal e de humus, que o revigora e provoca a beleza da sua vegetação.

As vertentes que são cobertas de florestas ou de bosques, ou de jardins gramados e floridos, resistem a qualquer mal que lhes queiram fazer as águas pluviais, mesmo as mais volumosas. As raízes das grandes como das pequenas plantas tecem sob o solo uma rede que o preserva de ser esburacado ou sulcado pelas ondas que sobre ele passam. Ao mesmo tempo, os troncos das árvores e os tapetes dos gramados obrigam as águas a se dividirem, amo-

lecerem o ímpeto da sua carreira e a deixarem no chão os resíduos vegetais que elas vêm trazendo de cima, no seu curso rápido.

As árvores são, como bem se vê, esplêndidas reguladoras do regímen das águas. A chuva retida pela sua folhagem é restituída depois em parte á atmosfera, e outra parte se embebe no colchão de folhas e de humus que atapeta o chão, o qual absorve a humidade como uma verdadeira esponja. Estilada, assim gôta a gôta, tanto para a superficie como para as profundezas da Terra, ela vai enriquecer os lençoes d'água subterrâneos, que alimentam as fontes de que brota o indispensavel elemento da Vida.

Dois fisiologistas francêses, depois de terem verificado a grande quantidade de terras que ha no nosso planeta desnudadas pela deflorestação, concluíram por lavrar esta pavorosa sentença :

« E' a guerra da sêde a que ameaça o seculo XX. »

Que meio teremos nós de defesa contra esse terrivel flagelo ? Como debela-lo ?

Poderemos debela-lo plantando árvores, replantando árvores, criando florestas !

São de outro escritor francês estas palavras :
« E' preciso realizar o ideal de não deixar ir para o Mar nem uma gôta de líquido que não tenha servido antes á industria ou á irrigação das terras. »

Sabendo disto, não devemos deixar que a água se desperdice inutilmente.

ESTRADAS ARBORIZADAS

Nos países tropicais todas as estradas deveriam ser arborizadas e, tanto quanto possível, com árvores frutíferas. Isto não é uma utopia. Em Belem, do Pará, ha extensas avenidas ladeadas de mangueiras que, sobre serem árvores bellissimas, são tambem produtivas. Porque não terão tambem os outros estados brazileiros as estradas públicas marginadas de mangueiras, jambeiros, jaqueiras, ou qualquer outra árvore que junte á sua qualidade de beleza a de frutificar fecundamente ?

Em um livro da escritora nacional Floresta A. Brazileira, livro intitulado « Viagem na Alemanha », ha uma interessante descrição dos arrabaldes de uma cidade cujas estradas a autora percorreu em 1857. Espantou-se ela agradavelmente ao ver esses caminhos marginados por extensos renques de árvores frutíferas á disposição dos transeuntes ; e tanto que o seu cocheiro se ergueu na boleia para colher, do galho de uma Pereira, duas frutas perfeitas e em pleno estado de maturação que ofereceu á viajante illustre.

Nos climas de Sol ardente, como o nosso, a

arborização nas estradas não representa apenas uma questão de luxo, mas, muito mais ainda, de higiene, de comodidade, e até de salvação individual.

Um viandante expõe-se a morrer de insolação se atravessar em pleno estio um campo descoberto á hora do Sol.

I

Os homens rijos, a própria morte
Encaram calmos, sem sobresalto.
Gésto que ordêne, voz que comande !
O homem deve querer ser alto,
Ter hombros largos, ter peito forte,
Ser como o tronco — robusto e grande.

A ÁRVORE DAS LÁGRIMAS

(NARRAÇÃO DE UM VELHO SOLDADO)

Tenho ainda bem clara na memória a lembrança daquela manhã luminosa, em que minha pobre Mãe me acompanhou, nos campos do Ipiranga, até ao ponto de partida da diligência, na qual eu deveria seguir, a destino da guerra. Iamos ambos calados ; ela, arrimada ao meu braço, com os olhos a escorrerem água ; eu, pálido e trémulo.

Parámos por fim junto a uma grande árvore. Era o ponto da espera do carro. Já lá estavam outros grupos de pessoas chorosas pelo mesmo motivo que nos entristecia a nós. Uma noiva soluçava convulsivamente e tomava a árvore como testemunha da fidelidade com que prometia esperar o seu futuro marido. Um velho, encostado ao tronco anoso da planta, abençoava o neto com mãos engelhadas e saudosas. Minha Mãe, erguendo então para a copa da árvore os olhos tristes, disse :

— Esta é a arvore das lágrimas, que já tem presenciado tantas angustiosas despedidas ! Se voltares do Paraguay, e eu estiver viva, será

junto dela que abraçarás tua Mãe ! Chorarei então outras lágrimas, mas essas de alegria .

Parti. Enquanto pude, olhei para a ramada escura da árvore, até que a vi sumir-se no horizonte. Em poucas horas estávamos longe dos campos do Ipiranga.

Passei anos na guerra ; nunca mais tornei á terra amada onde minha Mãe já não existia. A visão da árvore das lágrimas atraía porê m o meu pensamento como se fosse um ente querido da família a chamar por mim .

Um dia não resisti, e voltei. Oh desilusão ! Mão criminosa tinha ateado fogo ao tronco da árvore robusta de que havia apenas agora uma pequena parte, já carbonizada, á flor da terra ! A encantadora árvore das lágrimas dos campos do Ipiranga desaparecera para sempre .

PLANTAÇÃO

Plantar árvores é santa,
Fecunda, e nobre missão.
Pois quem uma árvore planta
Pratica uma boa acção.

O' plantas, boas amigas
Que aos homens dais vosso amor
No pão — que está nas espigas,
No fruto — que está na flor !

Dais sombra para o repouso ;
Abrigo e cibo nos dais ;
Que são para o nosso goso
Landeiras e mangueirais.

Seja pois dia de festa
O dia em que vais plantar
O início de uma floresta,
O começo de um pomar !

ÁRVORES CÉLEBRES

No monte Etna, na Cecília, chamou durante muitos anos a atenção dos viajantes um castanheiro baixo, mas cuja copa era tão larga que podia abrigar uma tropa de cem cavalos, o que ficou provado quando uma vez a rainha Joana de Aragão, surpreendida no monte Etna por uma terrível tempestade, se abrigou sob essa árvore com os cem cavaleiros do seu séquito.

No século XV, os conquistadores da ilha de Tenerife, aí plantaram vários pinheiros que ainda hoje, cinco séculos depois, lá estão vivos e fortes e são considerados padrões de glória desse bonito torrão.

A Biblia menciona uma palmeira de 30 metros de altura em torno da qual se reuniam os israelitas para ouvir as profecias de Débora (1)

(1) Débora — profetiza de Israel que celebrou num cântico famoso a vitória dos israelitas sobre os cananeus.

Os americanos do norte têm verdadeira adoração pelas árvores. Uma das suas cidades principais, Washington, é designada « a capital das lindas sombras ». A mais famosa e amada dentre as suas cem mil ou mais árvores, é o olmo plantado por Jorge Washington ha cerca de cento e dezeseis anos.

O LOUREIRO DE VIRGÍLIO

Os poetas sempre amaram as árvores. E' por isto que sobre os seus túmulos ou junto ás casas onde moraram em vida, mãos piedosas costumam plantar uma árvore em memória dos artistas mortos.

Sobre o túmulo de Virgílio, que foi o maior dos poetas latinos, um outro grande poeta, Petrarca, plantou, em meados do século XIV, um loureiro. Esse loureiro viveu perto de quinhentos anos, ao fim dos quais secou para sempre. Um outro poeta, Delavigne, plantou então um segundo loureiro no lugar do que morrera, loureiro este que ainda vive e viverá sem dúvida por muitos séculos.

O CHORÃO DE MUSSET

Em Pariz, no túmulo de Alfredo de Musset, poeta francês, ha um lindo chorão, que era a árvore preferida do artista. Foi o próprio poeta que, nuns versos dirigidos a seus amigos, pediu que essa árvore, que simboliza a tristeza, fosse plantada sobre a sua sepultura.

O CARVALHO DE TASSO

Na Itália, em frente ao mosteiro de Santo Onofre do Monte Janículo, ha uma árvore cuja tradição impregna no ambiente uma dôce e grave poesia. E' o Carvalho de Tasso, que todo o viajante culto vai visitar em peregrinação devota, em um preito á memória do grande poeta (1).

(1) Tasso, poeta italiano do século XVI.

A ÁRVORE DO URSO

No ano de 1852, no lugar denominado Mariposa, na Califórnia (América do Norte) um caçador, depois de andar vários dias pela floresta virgem, matou a tiros um grande urso, junto a uma árvore de extraordinária altura. O tronco desse gigantesco vegetal erguia-se muito acima das copas da floresta e a sua ramada se estendia, em volta, sobre as frondes de muitas árvores.

Ao voltar para a cidade de que partira, contou ele a sua descoberta a vários amigos que, julgando exagerada a descrição, quizeram por seus próprios olhos verificar a verdade do que afirmava o caçador. Este voltou com os amigos á floresta, conseguindo chegar novamente até junto á imensa árvore, que em lembrança do caçador se ficou chamando «Árvore do Urso».

Esse vegetal, que ainda hoje está vivo e verdejante, mede noventa e dois metros de altura, e a circunferência do seu tronco, junto ao chão, é de vinte e sete metros ! São precisos

dezesseis homens, de mãos dadas e peito encostado ao tronco, para dar-lhe volta. A sua idade é calculada pelos botânicos americanos em dois mil e quinhentos anos.

SEQUÓIAS

A mais alta das árvores conhecidas até agora era uma sequóia (cientificamente *Sequoia sempervirens*) designada pelos norte-americanos com o nome de « Pai da Floresta ». Essa árvore, que se erguia também na região de Mariposa, na Califórnia, morreu de velhice ha poucos anos. Media o seu tronco nada menos de cento e oitenta e sete metros de altura e trinta e seis metros e cincoenta centímetros de circunferência. Morreu com a idade de quatro mil anos. Quando Roma foi fundada, já essa árvore era adulta. Quando Christo nasceu, ela já tinha dois mil anos.

O CARVALHO SAGRADO

Em 1696, na pequena cidade de Allouville, França, foi inaugurada uma capela no interior do tronco de um carvalho. Essa árvore mede quinze metros de circunferência, e não chegou ainda, apesar de calculada a sua existência em novecentos anos, ao seu completo desenvolvimento. Esse pitoresco oratório tem tres metros de altura e sete de circunferência. A imperatriz Eugénia ofereceu uma linda imagem da Virgem para o altar desse oratório. Por cima dessa primeira capela, ha ainda outra, chamada do Calvário, onde ha um belo Christo crucificado.

A ESCÓLA DE SAIROB

Na aldeia de Sairob, Turquestão, ha uma árvore curiosa, de que se orgulha a gente do lugar. E' um velho plátano de mil anos, no interior de cujo tronco funciona a escola pública da aldeia. Durante as horas de aula, quem passa pela estrada vê no interior do tronco as crianças atentas, seguindo a lição do professor. A tarde porêm, quando terminam as aulas e o professor fecha a porta da sua sala, o velho tronco volta a apresentar o seu aspecto antigo, pois as portas da classe foram feitas com a mesma casca da arvore.

O CASTANHEIRO DE S. VICENTE

Em Pouy, perto de Dax, França, onde nasceu S. Vicente de Paulo, o protector dos engeitados, é venerado um castanheiro a cuja sombra o santo brincava na sua meninice, quando era simples guardador de gado, tão pobre como os infelizes que depois socorreu.

A querida árvore que a municipalidade local traz sempre muito limpa e cercada por um pequeno gradil, para que mãos profanas não lhe gravem letras e sinais no tronco, é chamada com devoto respeito — o 'castanheiro de S. Vicente de Paulo.

ÁRVORES INCONHAS

Ha no Rio de Janeiro, no jardim da praça da República, duas figueiras bravas que, crescendo próximas uma da outra, acabaram por unir-se no alto de modo tal, que os dois troncos sustentam hoje uma só copa. São árvores inconhas.

Em Campos, importante cidade do Estado do Rio, ha duas palmeiras tambem inconhas. A uma certa altura do chão a estipe bifurca-se em duas, formando daí para cima dois vegetais independentes. Está tambem numa praça pública, e é uma das curiosidades da cidade.

O BAOBÁ

O Baobá é a árvore mais célebre do continente africano. A sua originalidade, que a tornou tão conhecida, consiste na pouca altura do seu tronco em relação á sua grande espessura. Ha exemplares de seis metros de altura; cujos troncos chegam a ter dez metros de circunferência, o que lhes dá um aspecto interessantissimo. Do tronco do Baobá partem, ao alto, muitos ramos compridos e curvos, cujas pontas tocam no chão; esta particularidade faz com que a árvore, vista de longe, se assemelhe a uma grande bola de verdura. Algumas tribus africanas aproveitam o tronco do baobá para nele sepultarem os seus reis e guerreiros mais illustres.

UM APÓLOGO (*)

Uma personagem da Bíblia, chamada Joa-
tão, querendo expressar que o povo de Israel
tendo procurado entre os homens um rei justo
acabara por eleger um que o não seria, fez o
seguinte apólogo :

«Foram uma vez as árvores a eleger sobre
si um rei: e disseram á Oliveira: Reina sobre nós.

Ela respondeu : Acaso posso eu deixar o
meu óleo, de que se servem tanto os deuses
como os homens, para vir a ser superior ás
outras árvores ?

E disseram as árvores á Figueira : Vem, e
toma o reinado sobre nós.

Ela lhes respondeu : Acaso posso eu deixar
a minha doçura e suavísimos frutos, para ir
a sobresair entre as outras árvores ?

E disseram as árvores á videira : Vem, e
toma o mando sobre nós.

Ela lhes repondeu : Porventura posso eu
deixar o meu vinho, que é a alegria de Deus

(*) Chama-se apólogo a uma alegoria que encerre um
preceito moral tirado de fingidas falas de animais ou de
seres inanimados.

e dos homens, para vir tomar o primeiro lugar entre as mais árvores ?

E todas as árvores disseram ao espinheiro :
Vem, e serás o nosso rei.

Ele lhes respondeu : Se vós devéras me constituis por vosso rei, vinde, e repousai debaixo da minha sombra : se o não quereis assim, saia fogo do espinheiro e devore os cédros do Libano.»

ÁRVORE SOLITÁRIA

Faz-me mal o avista-la, desfolhada,
No largo espaço da planície, aquela
Árvore solitária, sentinela
Das longínquas florestas avançada.

Batida pela rispida prócela,
Esquelética, anosa e desolada,
Não sei que angústia sinto na alma ao ve-la
Os braços contorcer, desesperada !

Dão-lhe não sei que trágica beleza
Os gestos com que invoca a Imensidade,
Numa revolta contra a Natureza !

Assim da Terra em vão se eleva, insana,
Para o Amor, para o Bem, para a Verdade,
A ânsia impotente da vontade humana !

A JABOTICABEIRA DA TIA LILI

Todos os anos, chegada a estação da fruta, vários moradores da Vila da Estrela recebiam um convite original, concebido nestes termos :

« — Quando quizerdes, dentro destes três dias, comer excelentes jaboticabas, podeis entrar na minha chácara sem mesmo vos dardes ao trabalho de tocar a campainha. O portão está sempre aberto e no terreno não ha cães. Entrados, tomai pela aléia esquerda do jardim e caminhai até ao lugar em que uma ta- boleta vermelha com letras brancas indica o ponto exato em que está a jaboticabeira.

Comei á vontade. Só vos peço que não mal- trateis a árvore, que é muito da estimação da tia

Lili. »

A' originalidade do convite, juntava-se ou- tra, ainda maior : a de que os convidados igno- ravam quem fosse a pessoa que assim os obse- quiava e cuja assinatura entretanto parecia tão íntima e familiar.

Toda a gente da vila sabia perfeitamente

qual era a chácara da tia Lili, mas a sua pessoa é que não conheciam. Ninguém se gabava de lhe ter visto nunca nem a pontinha do nariz.

Mas quem eram os convidados ?

Ah ! esses eram o sr. Juiz Municipal, o dr. Pretor, o sr. vigário ; os dois médicos rivais, o dono do bazar — « Felicidade do Povo », — o farmacêutico, o redator e proprietário do « Clarão do Sul », algumas famílias mais, e um velho mendigo a quem a criançada chamava de *Bastãozinho* por andar sempre arrimado a um pau com que ás vezes as ameaçava. .

A presença do Bastãozinho desnorteava toda a gente, pois durante os três dias mencionados ninguém faltava ao convite da tia Lili, não só porque as suas jaboticabas eram efectivamente saborosíssimas, como porque havia sempre esperança de, em uma dessas ocasiões, a conhecerem de um momento para o outro, aclarando-se um mistério que os trazia a todos tão intrigados.

Um belo dia achavam-se os convidados do costume reunidos pela sétima vez em baixo da frondosa jaboticabeira da tia Lili. Era um domingo azul e fresco, uma destas manhãs creadas para delicia da Vida. Traziam porem todas as pessoas um ar de ainda maior curiosidade que das outras vezes. Realmente, era inacreditavel como sendo a vila da Estrela uma

localidade pequena, nela se podesse guardar segredo tão extraordinário !

Como de costume, a casa permanecia fechada. Através das suas venezianas verdes, já desbotadas, não transparecia nem um raiozinho da sua vida interior. No jardim nem viv'alma ! Junto á árvore havia, como das outras vezes, uma grande vara preparada para a colheita das frutas além de uma cêsta, já repleta de negras e lustrosas jaboticabas, posta ao centro de bancos rústicos feitos com troncos de árvores agrestes.

Depois dos cumprimentos e das primeiras olhadelas indagadoras sem nenhum resultado imediato, o pretor confessou ter dado durante todo o ano muitos passos para ver se descobria quem era essa doce tia Lili, que assim persistia em presentea-los de um modo tão agradável quanto exquisito. Mas tudo fôra em pura perda ! Não tinha conseguido nenhuma informação. Para ele — e aqui abaixava a voz, para não poder ser ouvido senão pelas pessoas da roda — a tia Lili devia ser alguma aleijadinha rica e de bom coração, cujo orgulho não permitia expor a sua fealdade ao comentário público. Aquela hora ela estaria naturalmente olhando através das fasquias das suas venezianas para gosar o espectáculo de os ver ali em torno á sua querida jaboticabeira...

O farmacêutico repeliu semelante hipótese :

— Se nesta casa houvesse habitantes, já a minha farmácia teria fornecido para aqui algum medicamento !

Por sua vez os médicos afirmaram que nenhum deles fôra jámais chamado para tratar ali de nenhum doente.

— Mas quem é então a tia Lili ? ! — perguntou o juiz municipal muito apoplético, como a exigir uma resposta positiva. Afinal, continuava ele, nós não estamos num país fantástico. Essa senhora deve ser uma mulher de carne e osso, como qualquer de nós. Não lhes parece ?

Os outros arregalaram os olhos, encolheram os ombros, e disseram com ar aparvalhado :

— Isso é que ninguem sabe !

— Como ninguem sabe ? ! retrucou o juiz espantadíssimo. — Acreditarão vocês, porventura nos espíritos, e que seja um deles que se entretenha a fornecer-nos todos os anos este prazer das frutas e esta hora de convivência tão agradável ?

— Eu sei lá !.. ha coisas tão exquísitas. resmungou o dono da bazar « Felicidade do Povo » enfiando os dedos pela gaforina revolta.

— Ah, meu Deus ! eu é que já não como destas jaboticabas ! gritou assombrada a esposa do farmacêutico, deitando fôra a fruta que já tinha na boca.

O marido admoestou-a. Os outros riram-se, e o vigário concluiu :

— Ninguém acredita aqui menos do que eu nessas tolices ; todavia, como o caso é realmente muito extravagante, resolvo uma vez por todas não tornar a aceitar tal convite.

— Eu tambem não.

— Nem eu.

— Nem eu, disseram muitas outras pessoas.

A' vista dessa resolução, o jornalista assegurou que aclararia os factos no dia seguinte no seu jornal, ao que um dos médicos replicou com manifesto azedume que todos os anos ele fazia a mesma promessa e nunca esclarecia nada !

O jornalista respondeu a essa observação com outra mais pesada. Exaltaram-se os ânimos, estabeleceu-se a confusão. Uns, eram a favor do jornalista ; outros, do doutor. As vozes subiram de diapasão ; os olhos esbugalharam-se, as faces tornaram-se congestionadas, e as mãos moveram-se em gesticulações violentas. Em vão o juiz e o vigário procuravam acalmar a discussão. O redactor do *Clarão do Sul* sentia-se ofendido na sua dignidade profissional e exigia reparações.

Foi nesse momento que o *Bastãozinho* se foi encostar, muito pálido e trémulo, ao tronco da jaboticabeira e ergueu no ar o seu cajado

tosco de mendigo pedindo um minuto de silêncio para uma explicação.

Voltaram-se todos com surpresa para o pobrezinho cuja palidez ressaltava dentre as côres russas dos seus trajés miseráveis. Estabeleceu-se o silencio. Ele começou num fio de voz fraca de octogenário :

— Escutai-me com atenção e condenai-me depois. Eu queria guardar este segredo até á hora da morte, mas vejo que isso se torna impossivel e prefiro afrontar a vossa cólera. Eis todo o mistério : Nasci de pais remediados ; quando e onde, não vos importe saber. Poucos dias depois do meu nascimento morreram meus pais de um desastre, e tomou conta de mim uma doce criatura, irmã mais nova de minha Mãe a quem depois chamei — tia Lili.

Ela era linda como um anjo, e de bondade perfeita. Excedeu-se para comigo nos seus carinhos maternos, fez da minha felicidade o motivo da sua.

Não a comprehendí. Tornei-me, na mocidade, extravagante e perdulário a ponto de ser forçado a deixar a terra em que ficava muito chorosa a doce tia Lili. Voltei a ve-la depois de muitos anos ; encontrei-a paupérrima mas de braços abertos para me receber. Nem uma queixa lhe ouvi, nem uma censura ; entretanto ela tinha empobrecido para pagar-me as dívidas. Isso já foi ha muito tempo.

ha muito tempo ! Quando me vi só no Mundo, estava doente e velho. Parti mendigando pelas estradas. Foi nesta vila que encontrei mais caridade ; todos vós, que aqui estais, tendes socorrido o pobrezinho desconhecido. Ah, como do fundo do coração vos agradeço a todos ! Ouví agora a parte mais penosa da minha confissão : Tornei-me avaro, de uma avaresa torpe. Por muito tempo eu guardava tudo que me dessem. Um dia, porem, a minha consciencia se aclarou e eu resolvi constituir-me em uma espécie de caixa económica de vós todos. O que vinha de vós, para vós haveria de voltar. A pouco e pouco, tornei-me proprietário desta pequena chácara que será vossa amanhã, e que registrei com o nome da — tia Lili — ; é dela que herdareis esta lembrança em gratidão pelo que me fizestes. E' a sua bondade, o seu amor por mim, que vos pedem perdão por este embuste. E *Bastãozinho* caiu de joelhos soluçando alto.

Ninguém atinava com o que dizer, e a commoção aumentou ainda ao verem que os lábios murchos do infeliz se colavam num terno beijo ao tronco da linda árvore em que ele tinha encarnado a alma da sua consoladora tia Lili.

Desde esse dia *Bastãozinho* deixou de ser um mendigo, para viver na propriedade dos seus bemfeitores. A casa da tia Lili era o ponto de reunião de todos os amigos, e a sua jabotica-

beira creou celebridade em muitas léguas em redor da Vila.

Hoje essa casa é um carinhoso asilo para vélhinhos pobres.

II

O homem deve querer ser belo :
Beleza d'alma, de sentimento,
Água que aos olhos de pronto assôma.
Ser como as flôres — divino anélo ! —
Flôres que vivem um só momento
Porque se exvâem no próprio aroma.

ÁRVORE DA VACA

Humboldt, sábio naturalista alemão, autor de uma obra célebre, — Viagens nas Regiões Equinociais — descreve assim uma planta nativa da Venezuela, denominada *Árvore da Vaca* :

Esta bela árvore, diz ele, tem o porte do *cainiteiro* (1). Seu fruto quasi não tem polpa e contem um ou dois caroços. Quando se faz uma incisão no tronco, logo escorre de dentro dele um leite abundante e glutinoso, sem nenhum sabor acre e que exala um aroma balsâmico muitíssimo agradável. Bebi quantidades consideráveis desse leite — continua Humboldt — ao deitar-me á noite e ao levantar-me de manhã, sem experimentar o mais insignificante efeito pernicioso.

Os negros, bem como todos os trabalhadores que lidam nas plantações dos campos venezuelanos, tomam esse leite, empapando nele o seu pão de milho ou de mandioca. Assegurou-me o administrador de uma fazenda que os

(1) O *cainiteiro* é uma linda árvore de pomar, de que ha muitos exemplares no Brazil.

seus trabalhadores engordavam sensivelmente durante a estação em que a Árvore da Vaca lhes fornecia mais leite. Não ha naquelas regiões — diz ainda o sábio naturalista — soberbas sombras de floresta ou magestosos cursos d'água, nem montanhas coroadas de neves eternas que excitem a nossa emoção. Lembrando-nos todo o poder e fecundidade da Natureza, ha apenas algumas gotas de um suco vegetal. Sobre o flanco árido de um rochedo cresce ás vezes uma dessas árvores, cujas folhas são ásperas e duras. Suas raizes fibrosas mal penetram pelos interstícios das pedras. Durante alguns meses do ano nenhum chuvisqueiro rega a sua folhagem. Seus galhos, dir-se hiam mortos e mirrados, mas se lhe golpearrem o tronco, logo brotará dele um leite doce e nutriente.

CIPRESTES

O Cipreste, essa árvore com que se ornamentam os cemitérios simboliza a saudade dos mortos. Conta-se dele a seguinte lenda: Cyprásia matou por imprudência um cervo ao qual amava apaixonadamente, mas ficou depois com tamanho desgosto e tão grande saudade que Cibole (deusa da Terra, Mãe de Júpiter), o transformou em Cipreste para o perpetuar.

OLIVEIRA

A Oliveira é a árvore da azeitona ; muito querida na Europa onde a cultivam para a fabricação do azeite. Ela é sobretudo abundante na Grécia, Itália, França, Espanha e Portugal. Os povos antigos alumiavam as suas candeias com o óleo da Oliveira cuja origem é assim contada :

Minerva, devendo, por ordem de Zeus, crear a coisa mais útil para o homem, golpeou a Terra, e dela brotou uma Oliveira.

A rama da Oliveira simboliza a paz.

A ALMA DAS ÁRVORES

Quando os primeiros romanos plantaram a Figueira na margem lodosa do Tibre, fizeram dessa árvore o símbolo da Pátria. Naquela terra de febres, sem águas puras, a planta sorveu do sólo a ardência doentia, que transmitiu depois purificada á polpa sangüínea da sua flôr. As abelhas, que procuram de preferência o mel do figo, enxamearam depressa por entre as largas folhas da árvore e deram aos romanos favos deliciosos.

Naqueles tempos e em outros ainda de mais velha antigüidade o respeito pelas árvores era tamanho que os homens as criam representantes de divindades. Olhando para a corôa tufôsa das Tílias, sorvendo-lhe o arôma dos pálidos corimbos o Grego supunha ouvir as mais doces promessas de Vénus ⁽¹⁾, alma dessa planta. Do mesmo modo consagrava o Loureiro a Apolo ⁽²⁾, a Oliveira a Minerva ⁽³⁾, etc.

Este preito á árvore, que a poesia nativa e a crença pagã revestiam de solenidade, é um

(1) Deusa do amor.

(2) Deus da poesia.

(3) Deusa da sabedoria.

dos mais singulares encantos da tradição he-lénica.

Os Francêses, quando queriam prestar homenagem a algum homem de valor, plantavam em frente á sua porta uma árvore no dia primeiro de Maio. Foi esse costume que originou o das árvores da Liberdade, da época revolucionária.

Em 1792 plantaram mais de sessenta mil árvores da Liberdade em França. Na ocasião do plantio, eram ornadas de grinaldas e de fitas tricolores; depois eram tratadas com imenso carinho pelas populações locais.

Conservam também os Francêses ainda hoje a veneração dos Gaulezes pelo Carvalho e pela planta parasita chamada — Gui — que se vende no inverno nas ruas de Paris como mensageira de Felicidade.

A RAIZ

Ensina a raiz
A ser feliz.

Humilde e boa, na terra
Se enterra.

Pertinazmente,
Num esforço sem igual,
Procura a seiva que alimente
O vegetal.

E não descansa,
Nem se cansa,
Sem luz, sem ar,
A trabalhar !

Sua única alegria é só saber
Que é útil, que o seu trabalho,
Embora as não possa vêr,
Em flores se transforma em cada galho,
Em folhas viridentes,
E em frutos, e em sementes.
Humilde e boa, é feliz.

Bem dita seja a raiz !

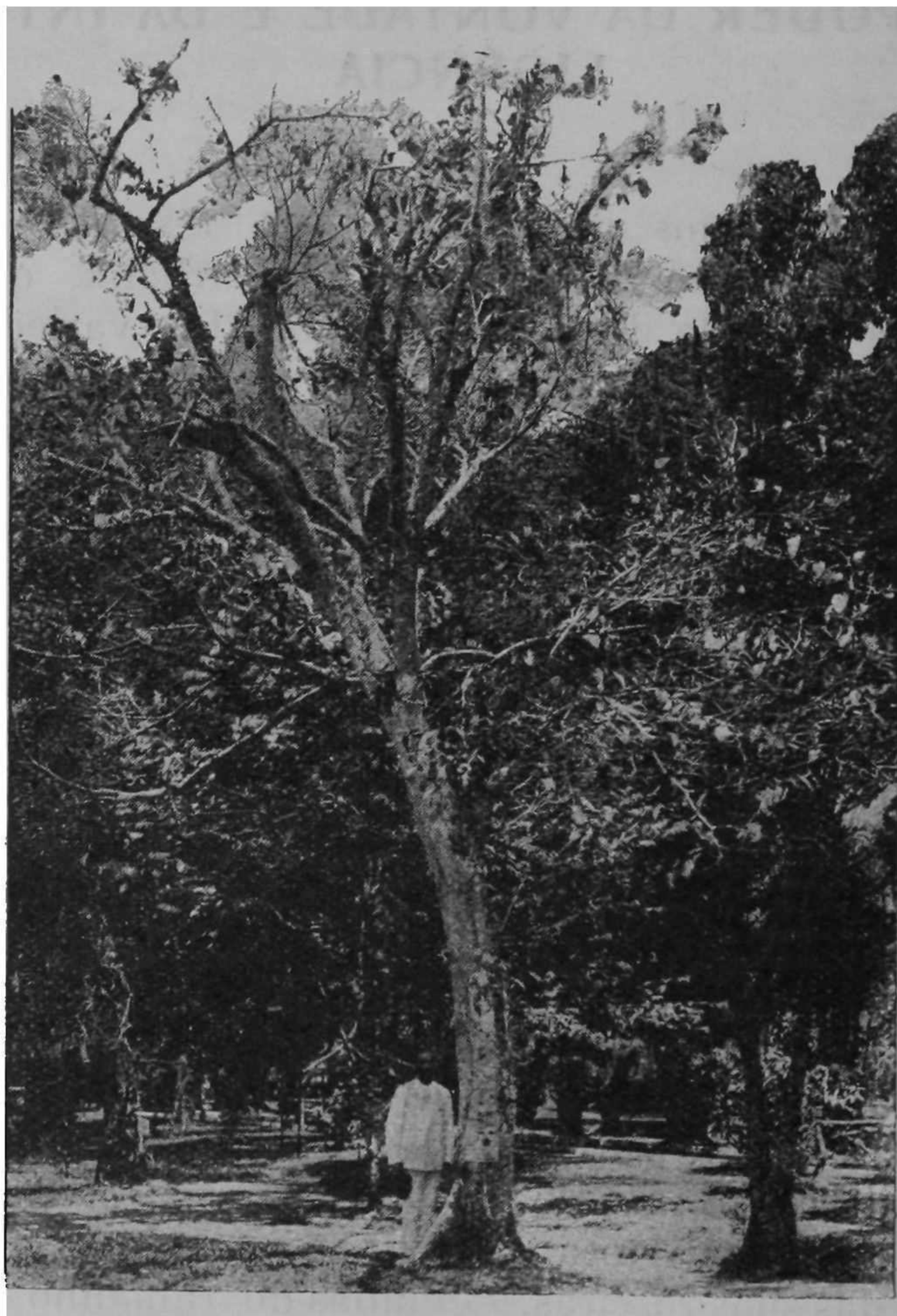
O PODER DA VONTADE E DA INTE- LIGÊNCIA

Conversemos um momento a respeito do cultivador americano Luther Burbank, que creou mais de duas mil e quinhentas variedades de plantas pelo poder maravilhoso de sua inteligência, de sua tenacidade e de uma observação incansável, digna da admiração mundial.

Um grande cultivador como este de que estamos falando, é ao mesmo tempo um homem de ciência, um artista e um philântropo. A sua acção impressiona todos os que se interessam pelos progressos da ciência e pelo bem-estar da humanidade, e deve servir de exemplo aos espíritos curiosos e empreendedores. Esperemos que pelo influxo desta narrativa alguém no Brazil se predisponha a trabalhos idênticos, aperfeiçoando os produtos da nossa flora, fornecendo qualidades boas ás nossas plantas e frutas más, ou mediócras, e tornando excelentes as que já são boas.

Luther Burbank tem uma enorme propriedade em Sta. Rosa da Califórnia, onde ás mudas das suas roseiras, — mudas do tamanho de um lápis, — são vendidas por centenas de mil

réis, e algumas roseiras, já formadas, por um, dois, e até tres e mais contos de réis. Provam estas quantias o extraordinário apreço que



Páu-jangada

têm na América os produtos deste famoso cultivador, cuja preocupação principal tem sido melhorar as plantas selvagens, transformar as suas qualidades nocivas em qualidades úteis, o seu aspecto agressivo em uma aparência agradável, o seu gosto ácido, adstringente ou amargo, em um sabor suave e refrescativo.

Por toda a superfície do globo, ha milhões de hectares de terras áridas, imprestáveis, que não produzem senão um *cactus* selvagem, erigido de espinhos, fatal aos animais, ameaçador e ofensivo aos viajantes que porventura se percam nas solidões das charnecas e areais intérminos.

Pois bem ; Luther Burbank transformou, após dez anos de esforçados estudos e experiências, esse *cactus* imprestável e agressivo, em uma planta adaptavel a todos os climas, sem espinhos, suave, alimentícia e saborosa. Graças á sua descoberta, campos sêcos e inúteis tornar-se hão em paragens férteis, onde o gado possa pascer, encontrando no *cactus* — tornado planta forrageira — elementos de vida e de satisfação.

Burbank tem auxiliado espantosamente os cultivadores da Califórnia, que é hoje considerada o pomar do mundo, com a criação de árvores frutíferas de grande beleza e fecundidade. Este mágico das plantas consegue que as suas ameixieiras produzam, cada uma delas,

vinte e tantas mil frutas em cada estação, e que essas frutas sejam de tamanho muito mais volumoso e de sábor muito mais intenso que o das ameixas até hoje conhecidas em todos os países do mundo, crescendo ainda a vantagem de diminuir-lhes o tamanho do caroço ao mesmo tempo que lhes aumenta a espessura da polpa !

Suponhamos que as nossas jaboticabeiras encontrem um sábio que as estude e as aperfeiçõe com este carinho e este cuidado inteligente, e podemos imaginar quantos benefícios daí nos advirão !

As nossas árvores de pomar estão ainda á espera de um cultivador como Luther Burbank para melhorarem os seus produtos, muitos dos quais são ainda demasiadamente selvagens e pouco abundantes.

A quem caberá a glória de adoçar o abacate, civilizar a linda pitanga, tirar o visgo á jaca, aumentar a polpa do cambucá, e etc. ?

As nossas árvores de pomar, além de úteis, são bellissimas, e portanto, por todos os modos, dignas do nosso carinho e da nossa atenção.

Plantai sempre que puderdes, e, cêdo ou tarde, disso tereis a recompensa. As árvores não são ingratas.

O PLÁTANO

O Plátano é uma das maiores árvores do clima temperado.

Plínio, naturalista romano, autor de uma preciosa historia natural em trinta e sete volumes (morreu em Pompeia, no ano 79) conta que havia no seu tempo, em Lícia, uma árvore célebre. A fronde dessa árvore belíssima assemelhava-se a uma pequena floresta, pois cobria com a sua sombra uma enorme extensão de terreno. O seu tronco era ôco, e essa cavidade formava uma espécie de gruta de vinte e sete metros de circunferência. Todo o interior dessa grande excavação era revestido de musgo, o que lhe completava a aparência de uma verdadeira gruta. Licinius Mucianus, governador de Lícia, deu, no interior dessa árvore, um festim a dezoito convivas.

Os antigos tinham grande veneração pelas árvores. Chegavam mesmo a pôr em algumas nomes de personagens célebres. Oitocentos anos depois da guerra de Tróia, havia na Arcádia um plátano com o nome de Meneláu, que era o nome do rei dos troianos.

III

O homem deve querer ser bom,
Dizer aos pobres : «Tenho um tesouro,
Deste tesouro vos faço dom !»
Ser como a fronde — cheia de ninhos,
Que verga ao pêso dos frutos d'ouro
E estende a sombra pelos caminhos.

A ÁRVORE COMO EMBLEMA

Conta Oliveira Martins ⁽¹⁾, ao descrever um campo estrangeiro, que nele havia *a doce e pálida Oliveira, de ramagem miúda, que dá á paisagem um tom grego.*

Assim, o simples nome de uma árvore pôde evocar o modo de ser, a feição peculiar de um povo extinto ou distante.

Dir-se hia que só por si ela delineia e fixa a fisionomia dos lugares. Nenhum viajante esquece os Castanheiros de Londres, vigorosos traços da sua grandeza e austeridade; nem as Mimosas, de Nice, tão em harmonia com a elegância frívola da cidade, nem outras árvores cuja expressão se identifica por tal fôrma com a dos lugares em que vivem que parece que são elas que lhes dão o character e a simpatia.

Um dos traços elogiados do povo do baixo Canadá, é o amor que ele consagra ao *Érable*, em que simbolisa a sua fortuna e a sua força. Os canadenses teem por essa árvore um verdadeiro culto. Não consentem que nenhum machado lhes lanhe o tronco ou ampute os

(1) Historiador português.

braços. As suas cidades principais são arborizadas com Érables e nas aldeias, os camponeses embelezam as suas casas plantando-lhes junto á porta uma dessas árvores de sombra e de Beleza !

Qual das nossas árvores escolherieis para emblema da vossa cidade ?

PÁGINA ESCOLAR

Os EUCALIPTOS

Exercício de descrição

(do caderno de Henrique)

Fui ontem com meu avô visitar a propriedade agrícola do Sr. Luiz Maurício. O dia cinzento não estava muito próprio para digressões campestres ; em compensação a temperatura deliciosa permitia-nos passear á vontade ao ar livre, sem o castigo de um Sol que abrasa a pele e fatiga a vista. Extranhei que meu avô, que não quer que eu falte ao colégio a não ser em caso de doença, me levasse a passear em dia de aulas ; mas compreendi depois que ele tivera, levando-me, mais o intuito de instruir-me do que mesmo o de divertir-me. Aquele passeio valeu bem uma excelente lição.

O sítio do Sr. Maurício fica a duas léguas da nossa cidade, em um vale extenso e abundante de águas. Como as estradas são excelentes, fizémos o percurso em automóvel, que nos levou mesmo á porta da residência principal.

O dono da casa esperava-nos lendo um livro no seu terraço alpendrado. Depois de cumprimentos e conversas, saímos os tres a passear a pé pelo campo fóra. Teríamos andado uns cincoenta metros quando meu avô me fez notar a formosura de uma grande árvore isolada no meio de um pasto.

— Vês aquela árvore, Henrique ? pois fica sabendo que se chama *Páu d'alho*, e que a sua presença denota a excelência deste terreno. Onde houver tal árvore, é sinal que ha boa terra. Vai vê-la de perto para a ficares conhecendo bem. Um brasileiro deve saber essas coisas. Não a achas bonita ?

— Acho, mas porque lhe dão o nome de alho ?

— Porque a sua madeira tem o cheiro da planta cujos bolbos tens visto tantas vezes na nossa cosinha.

— Quando eu for grande, se quizer comprar uma fazenda, precisarei observar se ha nela uma Pau d'Alho ; agora já conheço a árvore, não a confundirei com nenhuma outra.

— Tanto melhor, já aprendeste alguma coisa, respondeu meu avô.

Tomámos depois por uma verêda, e grande foi a minha surpresa vendo-me de repente em uma floresta de Eucaliptos, todos plantados em ruas enormes e regularíssimas. O aroma das arvores embalsamava o ar ; os seus troncos,

coitando o espaço até uma grande altura de grossas linhas verticais, davam-me uma impressão de novidade muito curiosa. A folhagem, de um verde participante do azul, creava no ambiente um tom suave de neblina que se casava bem com o fundo da relva macia que eu ia pisando.

Vendo-me olhar boquiaberto para tudo aquilo, o Sr. Maurício procurou instruir-me por sua vez com muito agrado de meu avô.

Disse-me ele :

— O eucalipto, de que ha cento e oitenta espécies, é uma árvore australiana ; cresce depressa e a sua madeira é dura, resinosa e boa para construções. Devido ao desenvolvimento rápido que têm, esta árvore carece de muito sustento. Absorve por isso toda a humidade do solo ; o que faz com que seja utilíssima nos lugares encharcados ou pantanosos, que ela torna sêcos e salubres. Plantei florestas de eucaliptos para combustivel. Já tenho obtido grandes resultados da sua cultura.

Estas últimas palavras causaram-me tristeza. Doia-me saber que toda aquella floresta perfumada seria um dia reduzida a achas de lenha para o fogo ! Ah ! se eu, pequenino e inerme, tivesse forças para defender tantas e tão grandes árvores !.

Comunicando eu depois este sentimento a meu avô, ele explicou-me que a humanidade

precisa do calor do fogo para viver, e que por isto mais vale plantar árvores de propósito para tal fim, do que devastar florestas sem reflexão nem cuidado. Quantos exemplares de árvores seculares e riquíssimas têm sido sacrificadas para uso de fornos e de fogões! Os eucaliptos vêm defender as nossas árvores nativas desse extermínio impiedoso.

Pobres eucaliptos! São como soldados de um grande exército, que todo se deixa aniquilar a bem de outros.

PAINEIRA VELHA

Paineira velha, antes de o serdes,
Tivestes frágeis folhas verdes,
Um débil tronco e ramos finos.
Não dáveis flor, que inda era cêdo,
Aos grandes ventos tinheis medo,
E ás altas copas do arvoredó.
Ergueis braços pequeninos.

Tempos após, quando viera
A exuberante Primavera,
Robusta e moça vos achava !
E abriu-se em flor a vossa fronde
Que os ninhos tépidos esconde,
Alegres, vivas flores, onde
Um loiro mel se acumulava.

E logo ás pétalas vermelhas
Vieram as próvidas abelhas
Para a colheita cubiçada.
E do alto espaço resplendente
— Moça, ereis linda ! — o Sol ardente
Baixou, num álito candente
A' vossa copa perfumada.

Anos depois — como a velhice
De flocos brancos vos cobrisse —
Ao vento ríspido e hibernal
Que então soprou, violento, em breve
Caía a páina branca e leve,
Chuva de neve, única neve
Do nosso inverno tropical.

A FIGUEIRA DOS PAGODES

Ha na India uma grande adoração pela *Figueira religiosa*, árvore de imensa fronde ramalhuda, de cujos braços estendidos descem verticalmente para o chão várias raizes adventícias. Estas raizes, nascidas como que para estêio dos pesados galhos, conservam-se delgadas emquanto não penetram na terra ; mas, desde que se fixam no solo, tornam-se logo mais grossas, formando em torno do tronco principal milhares de colunas de considerável volume.

Os indianos constroem muitas vezes entre essas raizes as suas capelas ou pavilhões destinados á adoração dos deuses. Têm essas igrejas rústicas o nome de Pagodes, razão pela qual dão á árvore a designação de *Ficus religiosa*, e a chamam tambem — Figueira dos pagodes.

Um dos mais veneraveis exemplares desta planta, é a *Ficus de Narbudah*, que tem trezentas e cincoenta raizes grossas, ás quais se juntam perto de tres mil outras, delgadas, formando todas, no seu conjunto maravilhoso, uma verdadeira floresta.

Abençoada a hora em que, no seio fecundo da Terra, germinou a pequena semente de tão belo, tão consolador colosso vegetal!

NA HORA DO RECREIO

Personagens :

LUISA
LEONOR
CLARA
HELENA
AMÉLIA
TEREZA
MARIA

LUISA

De todas as árvores de pomar que tu conheces, de qual gostas mais, Leonor ?

LEONOR

Da Pitangueira.

LUISA

Porque ?

LEONOR

Porque é uma árvore que me dá a impressão de ser muito cuidadosa consigo, muito correcta e asseada. Não tens reparado como suas folhinhas reluzem como se estivessem sempre envernizadas de fresco ? Não conheço nada mais bonito do que uma Pitangueira no tempo da fruta madura ! Dir-se-hia que se enfeitou toda de corais para esperar uma visita de muita cerimónia e muita amisade. Pobre coitada ! a visita que a procura despoja-a das suas jóias impiedosamente, rouba-lhe os corais e varadas, quando não lhe trepa pelo tronco para arrancar lá em cima, uma a uma, todas as suas frutas ! Então, estas deixam de assemelhar-se a corais para trazerem á idéa grossas gôtas de sangue. A árvore porem é boa ; esquece a ofensa, e, na próxima estação, eis que toda se adorna de frutinhas rubros, mais lindos que cerejas !

LUISA

Tens razão. A Pitangueira é uma árvore graciosa e o seu fruto é muito ornamental. E entretanto vês, Leonor ? Nós ainda não lhe damos em nossos pomares o lugar de distinção, que ela merece. Sabes porque ? porque é nativa, cresce nas praias, deixando bracejar na

areia a ponta dos seus ramos para goso da criança pobre. Se entendêssemos bem o sentimento das árvores, muito teríamos que aprender com esta !

CLARA

E tu, Helena, de que árvore gostas mais ?

HELENA

Da Mangueira ! A sua expressão de severidade suscita pensamentos elevados, cheios de poesia. Abençoada a mão que transportou da Índia, de que essa árvore é filha, a sua semente para o nosso país ! Tudo nela é harmonioso : a robustez do seu tronco enrugado, como a côr sombria das suas folhas espêssas ; a forma dessas mesmas folhas, como a grandeza do seu fruto cujo aroma inconfundível guarda alguma coisa do mistério da divindade.

LEONOR

Luisa, dá-nos agora a tua opinião.

LUISA

Eu adoro a Jaqueira, porque sinto no modo porque ela estira os braços e dá tamanhos

frutos, o esforço de proteger e alimentar a humanidade !

CLARA

Pois embora vocês não me tivessem perguntado coisa alguma, não quero deixar de dizer também qual é a árvore da minha predilecção !

LUISA

Dize lá.

CLARA

E' o Jambeiro. A fôrma piramidal da sua cópa de côr escura tem uma impassibilidade escultural ; parece inerte. Entretanto, chegada a hora da floração, toda ela desabrocha em pétalas de um colorido estridente, pétalas de luz, que estendem no chão tapetes sulferinos. Quem viu esse esplendor jámais o esquecerá ! E o jambo é tão gostoso !.

AMÉLIA

E o cajaseiro, de tronco alto, ramagem alegre e clara, salpicada de cachos levíssimos e odorantes ? que tal o acham ?

TEREZA

Em conclusão : todas as árvores são belas !
Eu não sei qual prefira .

MARIA

Cumpre não esquecer aquela a que todos de-
vemos ser mais gratos, e que tem maior poe-
sia .

TODAS

Qual é ?

MARIA

Vejam lá se adivinham .

LUISA

O Pecegueiro ?

CLARA

O Cambucàseiro ?

MARIA

Não. A Laranjeira.

HELENA

A Laranjeira tem espinhos !

LEONOR

Defende a tua árvore, Maria !

MARIA

Para que ? Ela não precisa defensores : todos a amam ! E' a árvore da beleza e da bondade. As suas folhas curam os doentes ; as suas flores acalmam os nervosos. Não são elas que simbolizam a inocência, e engrinaldam as noivas pela sua pureza ? Em uma noite de luar o aroma das flores da Laranjeira canta no espaço uma melodia de prata. É um aroma que tem voz, entra pelas narinas como pelos ouvidos, com os mesmos segredos embriagadores.

LUISA

E, no tempo da fruta, a Laranjeira parece oferecer aos deuses os seus pomos de ouro. Ha em toda ela, então, uma expressão sacerdotal.

CLARA

Que ingratidão, ter-me esquecido da Laranjeira !

HELENA

Pois se todas gostamos dela, cantemos um
côro em seu louvor !

A LARANJEIRA

Perfumada laranjeira,
Linda assim dessa maneira,
Sorrindo á luz do arrebol,
Toda em flores, branca toda,
— Parece a noiva do Sol
Preparada para a bôda.

E espôsa do Sol, que a adora,
Com que cuidados divinos
Curva ela os ramos, agora !
E entre as folhas abrigados,
Seus filhos, frutos dourados,
Parecem sois pequeninos.

SILVICULTURA

Segundo a opinião dos congressos internacionais de 1900 e de 1903, e das principais sociedades francêsas e inglêsas de agricultura, o ensino da silvicultura — palavra que significa sciência de cultivar as matas — precisa ser introduzido em todas as escolas primárias e normais do Mundo. Ficou então resolvida uma campanha por meio de livros e conferências a favor da árvore, bem como a atribuição de prémios nacionais, e mesmo internacionais, conferidos anualmente aos particulares que mais activamente se tivessem occupado e colaborado na obra de replantio florestal.

Basta esta simples nota para compreendermos que não estamos em face de um assunto insignificante, mas antes de um gravissimo problema, cuja solução está indicada por esta pergunta :

— A árvore é, ou não, útil ao Homem ?

I

As frondes do arvoredado não têm só o destino de embelezar a Terra ; desempenham também uma outra função muito importante : a de purificar a atmosfera que respiramos, retirando dela os gases nocivos á vida animal. A árvore é benéfica ao homem.

II

A humidade. — A chuva cai para matar a sede da Terra.

Uma grande extensão de terreno completamente despida de arborização, requeimada pelo calor e o reverbero da luz solar, não absorve a água benéfica das chuvas.

Para recolher, deixar-se infiltrar pelas torrentes pluviais, é indispensavel ao solo manter a sua superfície ligeiramente húmida.

Só a sombra das árvores pode proteger a Terra contra o martírio da sede.

Como a terra seca não produz coisa alguma, sem árvores não poderá haver humidade, e sem humidade não poderemos nós obter o alimento de que precisamos.

Abençoada para todo o sempre seja a sombra das árvores !

III

Nas zonas tropicais as chuvas cáem muitas vezes como que em bloco, em pancadas súbitas. Então, em vez de se embeberem no solo sequioso, as águas se precipitam pela sua superfície, em fôrma de enxurradas. Onde haja florestas, essas águas, por maiores que sejam os seus ímpetos, não se perdem inutilmente. Alguns terrenos tambem, encoscorados pelos efeitos das queimadas, consentem que pelo menos 90 % das águas celestes escorreguem pela sua superfície, sem neles penetrarem.

Quantas massas consideraveis de líquido preciosíssimo são assim distraídas da corrente circulatória a que vinham destinadas! O manto da vegetação tel-as hia fixado ao solo, retendo-as por longo tempo á superfície, até que de todo se embebessem, deixando que uma parte escorresse para as fontes e para os rios, e que outra parte voltasse aos céus, evaporada pelo calor, em forma de núvens.

A árvore é a melhor destruidora da Natureza.

A FOLHA E O VENTO

Leva uma folha sêca, o vento.
Leva-a de rastros pelo chão.
E diz a folha em um lamento :

A FOLHA

Oh dura sorte ! Ingrata sorte !
Não pode assim levar a Morte
Quem protegeu a própria Vida !

E o vento, ouvindo-a, diz-lhe então,
Num assobio zombador :

O VENTO

Dizes que protegeste a Vida ?

A FOLHA

Fiz mais : eu protegi o Amor,
Por onde a Vida se renova
Eterna sempre, e sempre nova !

Num claro dia de verão
Nasci, numa haste pequenina.
Brotei, sorvendo o ar, que é o pão
Da Vida exúbere e assassina.

Cresci. Tornei-me espêssa e escura.
Verde pulmão do vegetal
De que nasci, pequena e obscura,
Às outras mais em tudo igual,

Eu respirei, eu respirei,
E, respirando, alimentei.
Assim, feliz, desconhecida, ◦
 Eu protegi a Vida !

Sol de verão ! Luz e calor !
Junto de mim um ninho havia.
E a minha sombra o protegia.
 Eu protegi o Amor !

Amáina o vento num momento.
Mas mais violento, em novo alento,
De novo torna a voz do vento :

O VENTO

Não protegeste a Vida em vão,
Que agora vais, no pó do chão,
A própria Terra fecundar !

E o vento, a folha erguendo ao ar,
Lá a levou, num turbilhão.

O SUPPLICIO DAS ÁRVORES

Não ha forma, por mais inverosimil que pareça, que não possa ser dada a um certo número de árvores de índole dócil.

Ninguém sabe quem foi o primeiro jardineiro que, arrongando-se direitos de escultor e de architecto, transformou uma fáia em uma estátua eqüestre, em um guarda-sol, em um moinho de vento, ou em qualquer outra figura de linhas disciplinadas e rigorosamente geométricas. A escultura vegetal perde, felizmente, as suas tradições de tempos imemoriais, quando fantasistas pacientes se entretinham em desviar os galhos das árvores da sua posição natural para dar-lhes feitios de animais, tais como elefantes, cavalos, camêlos e cisnes, ou de templos, como os pagodes indianos, torres de igreja, pirâmides, cúpulas e colunatas, ou ainda de outros objectos, tais como poltronas, sofás, barcos, e mezas. . .

Esse capricho desumano de deformar a árvore, já entretinha os romanos e outros povos antes deles, e tem passado de geração em geração até aos nossos dias, em que ainda, na Europa e na América do Norte — e mesmo,

infelizmente, no Brazil — ha quem o execute com maior ou menor perfeição.

Para conseguirem os seus fantásticos resultados, têm os cultivadores de sugeitar a planta á tortura de se desenvolver dentro de uma fôrma de arame, cujas peças são retiradas ou acrescentadas á proporção que a árvore cresce e vá tomando definitivamente a sua forma artificial. Feita esta operação, é necessária depois uma vigilância continuada para que não irrompam, na ânsia de liberdade, galhos e folhagens que alterem a harmonia de conjunto da pobre planta.

Na Inglaterra ha certos parques em que as esculturas de árvores são célebres. Em frente á igreja paroquial de Bedford, existem dois pavões de cauda em leque, numa das quais ha escrita a data de 1704.

O homem deve deixar os vegetais crescerem livremente, conservando a sua forma natural, que é a única verdadeiramente bela.

ÁRVORES COMEMORATIVAS

Ha em certas comunas da Alsácia o costume de se plantar uma árvore no dia em que nasce uma criança. Quem dispõe de algum terreno marca a data do aparecimento de um novo membro da família, enterrando na terra uma pequena muda de árvore frutífera ou ornamental. Também os noivos alsacianos comemoram a data do seu casamento plantando dois pinheiros no próprio dia dos seus esponsais.

A cidade de Liège, na Bélgica, querendo encerrar dignamente a sua notável exposição de 1905, plantou uma árvore comemorativa á porta de um dos seus principais pavilhões.

Na Córsega, os grupos dos eleitores vão fincar na terra, em frente á casa do seu candidato eleito, uma estaca de árvore verde e florida ; e em numerosas províncias de França conserva-se o costume de plantar uma árvore á entrada das câmaras municipais como símbolo de gratidão popular, quando elas se tornam dignas de tão significativa manifestação de apreço. A mesma homenagem é prestada aos grandes vultos literários, artísticos, ou políticos do país.

IV

O homem deve querer crear.
Crear, ser útil á própria Vida,
Ter descendência, com que a crescente ;
A raça e a lingua perpetuar
Numa familia perfeita e unida.
Ser como o fruto, como a semente !

A TÍLIA

Diz um botânico francês que a Tília é, de todas as árvores da Europa, a que atinge maior longevidade e maior extensão em diâmetro. Cita uma, que ha na Alemanha, no reino de Wurtemberg, na cidade de Neustadt, como sendo uma das mais velhas do Mundo. A sua fronde descreve uma circunferência de cento e trinta e tres metros ; o seu tronco tem quatro metros de diâmetro e doze de circunferência e é completamente ôco, o que obrigou a população do logar a enche-lo de cimento para que se não quebrasse com o pêso dos galhos ramalhudos. Estes são tão pesados, que foi preciso erguer debaixo da árvore, para sustenta-los, mais de cem colunas, noventa e quatro das quais de pedra e cal, e as outras de madeira. As duas colunas principais têm gravados os braços do duque de Wurtemberg e a data de 1558. Nas outras lêem-se nomes das pessoas que as fizeram construir. Em fins do século XIV, já os seus galhos eram sustentados por sessenta e duas colunas.

A tília de Neustadt divide-se ao alto em dois grandes galhos, um dos quais alcançou a

altura de trinta e cinco metros. O outro foi quebrado por um vendaval* em 1773.

Ha na Europa outras tilias históricas muito queridas, como por exemplo a do castello de Nurenberg, na Baviera, que dizem ter perto de novecentos anos de existência, e consta ter sido plantada pela imperatriz Cunegundes (1).

Ao redor dèssa árvore, objecto de veneração por parte dos alemães, ergueram as municipalidades quatro estátuas emblemáticas, representando a Baviera, a Suábia, o Wurtemberg e o Tirol.

Mas a Tília de que se conhece a história com mais precisão, é a da cidade de Friburgo, na Suissa, plantada em 1476, em comemoração da vitória de Morat — cidade do cantão de Friburgo, reconquistada ao estrangeiro pelos suíços. Esta árvore é respeitada pelos habitantes do lugar, a ponto de a cobrirem de flores, todos os anos, por ocasião do seu aniversário. .

O carinho que os europeus dispensam ás árvores, bem denota que a cultura do seu espirito e o alto gráu da sua civilização, não são apenas — palavras.

Devemos seguir-lhes o exemplo.

(1) Santa Cunegundes, imperatriz da Alemanha, nascida no fim do século X.

INCITAMENTO

Sou da terra da luz e da alegria !
Sou da terra da força e da beleza,
Em que a vida, incessante e estuante, cria
Novos prodígios para a Natureza !

Sou de um país extranho, terra cheia
De encantos, de fantásticos assombros,
Em que o povo, alheado ao que o rodeia,
Scisma, curva a cabeça e abaixa os ombros.

Rapazes e raparigas,
Roceiros, cantai cantigas,
Despertai desse torpor !
Gosai bem a vida breve,
Antes que o destino a leve,
Antes que a tristeza a dor !

Sulcai a terra, sulcai
Em fundos traços o chão !
Vida e alegria semeai
No solo e no coração !

Gente moça, a terra é bela !
Vinde alegrar-vos com ela !
Cantai e chorai de amor !
Trabalhai pela fartura,
Almejai pela ventura,
Despertai d'esse torpor !

A JARINA

A Jarina é uma palmeira preciosíssima. Cresce na costa ocidental da América do Sul, no Amazonas, Panamá, Colômbia, Equador e parte norte do Perú. Os seus frutos assemelham-se na forma e na cor a uma minúscula cabeça de negro, e por isto os equatorianos os denominam «negritos». Têm esses frutos a singularidade de serem de contestura dentina, pelo que são chamados: — nózes de marfim vegetal. — Estas nózes são aproveitadas com enorme êxito pela indústria moderna, que delas faz artigos de várias utilidades, tais como: espátulas para livros, castões para bengalas, pentes e etc.

Tendo sido submetidas a uma séria análise científica e aos mais exigentes processos de dissecação, demonstraram as nózes de marfim vegetal tão grande resistência e durabilidade que a indústria se apressou em as aproveitar em várias aplicações, trabalhando-as ao tórno, serrando-as, lavrando-as ou lascando-as á máquina, segundo a sua necessidade.

Só o Equador, exporta anualmente cêrca de vinte mil toneladas de nózes de marfim vegetal,

o que representa uma grande soma de dinheiro. A Colômbia e o Panamá ainda excedem o Equador nesta produção.

Para bem se fazer uma idéa de quanto ela é importante, basta saber-se que ha nos Estados-Unidos umas vinte e tantas fábricas de objectos de marfim vegetal que distribuem trabalho directa ou indirectamente, por umas dez mil pessoas.

A *Jarina*, ou *tagúa* como a chamam os equatorianos, é da familia das palmeiras, variando, na altura, de tres a oito metros. Forma-se a sua flolescência na base inferior das folhas, sendo as flores da árvore masculina de um branco de neve e muito odoríferas. Os seus frutos precisam de um ano para alcançarem a plena maturação, e tanto que é prohibido por lei no Equador, colhe-los antes do momento propício. Ha nisso tanto rigor, que as autoridades inutilizam todas as nózes de marfim vegetal que aparecem nos mercados em condições ilegais.

O nome scientifico desta árvore admiravel é — *Phitelephas macrocarpa*.

BAUCIS E FILÉMON

Querendo experimentar a bondade dos homens, conta a mitologia, Júpiter e seu filho Mercúrio tomaram um dia a forma humana e desceram a uma terra da Grécia chamada Frígia.

Bateram aí de porta em porta, pedindo agasalho ; mas ninguém lhes prestou atenção, nem socorreu. Tendo procurado em vão despertar a piedade dos habitantes do lugar, chegaram enfim a uma pobre cabana de um casal de velhinhos, que os acolheu com doçura e caridade. Chamava-se a mulher — Báucis, e o marido — Filémon. Alimentando e confortando os forasteiros, nem o marido nem a mulher podiam de leve suspeitar estarem na presença de deuses.

Depois de ter repousado com seu filho Mercúrio, Júpiter, ao sair, transformou a pobre cabana em um templo sumptuoso e disse aos velhinhos maravilhados que poderiam pedir-lhe o que quizessem, pois tudo lhes concederia. Marido e mulher, dando-se as mãos amorosamente, pediram então que lhes concedesse a graça de não morrer um antes do outro.

E o pedido foi concedido.

Viveram os dois velhos ainda muito tempo, sempre juntinhos, sempre amigos, até que um dia, estando ambos á porta do templo, e já cansados de viver, olhando um para o outro com ternura, viu Filémon que Báucis se transformava em uma tília, e viu Báucis que Filémon se transformava em um carvalho. Compreenderam então a verdade e disseram-se sorrindo o seu último adeus.

Esta lenda encantadora é uma prova eloquente do enorme apreço que a velha Grécia testemunhava já pela árvore, pois Júpiter, o senhor de tudo, o deus dos deuses, nada encontrou tão digno no Mundo para premiar a virtude desse casal, e perpetua-la, do que metamorfosea-lo em duas árvores, das quais uma, a tília, representa a Beleza, e outra, o carvalho, representa a Força.

INFLUÊNCIA MORAL DAS PLANTAS ESCOLARES

Nem sempre a criança, mesmo bem orientada, percebe toda a beleza do acto que pratica ao fincar, em uma festa de árvores, a estaca enfeitada de qualquer planta de sombra, num terreno ainda desabrigado.

Pouco a pouco, porem, com o correr dos tempos, cada vez que essa criança passar pela sua árvore e a vir tomar vulto, encher-se de folhas, ir-se arredondando para dar sombra ás criaturas e abrigo aos ninhos, a sua consciência se sentirá consolada pela certeza de ter praticado uma acção útil e bondosa. Ser útil deve ser o fito de todo o individuo que se prese de inteligente e de civilizado.

Plantada a árvore, é indispensavel que a criança não a esqueça e vá de vez em quando fazer-lhe uma visita carinhosa. O Brazil tem árvores bellissimas, que mal são aproveitadas e vivem ignoradas no interior das matas, ou são apenas cultivadas por um ou outro raro amator. Fazer uma propaganda das nossas árvores de ornamento, reproduzindo-as e dirigindo-as convenientemente, não é só trabalhar para a beleza

do nosso país e sua salubridade, mas também para a sua glória.

Diz um escritor francês que daqui a alguns anos os jovens entusiasmos dos escolares terão cooperado notavelmente para a reflorestação do seu país, onde se efectuam festas de árvores em todas as províncias. E' um movimento patriótico que o Mundo inteiro imitará, urgido pela necessidade, porque é inevitavel que se ha de chegar a compreender quanto a árvore é indispensavel á Terra e ao homem.

A boa semente das plantações escolares é tão fecunda na terra, onde germina, como no espirito dos alunos, onde ela, de outro modo, igualmente se desenvolve, frutifica e floresce, na compreensão da vida e na prática do bem !

D. JOÃO E AS ÁRVORES

Todos os brasileiros que amem as árvores não podem deixar de ser gratos á memória do primeiro grande chefe de Estado que teve o Brazil na figura do soberano D. João VI.

Este rei de tão atilado quanto prudente espirito, introduziu no Brazil árvores exóticas que muito contribuíram depois para a sua fama de riqueza e de formosura.

Existe no Jardim Botânico do Rio de Janeiro uma árvore plantada pelas próprias mãos do rei, a — Palmeira mater — *Oreodoxa oleacea* — de cujas sementes brotaram anos depois tantas outras palmeiras que são dos mais lindos ornamentos da capital da República. Além desta árvore votada ao Culto da Beleza o monarca interessou-se pelo cultivo de várias árvores que aclimou no Brazil, tais como: Canelleiras, Abacateiros, Moscadeiras, Turangeiras, Acácias, Cicas, Fruta-Pão, Cajazeiros, Cana de assucar, e muitas outras plantas.

No Jardim Botânico do Rio, jardim que tinha então a denominação de — *Horto Real* — determinou que se fizessem plantações de Cravo

da Índia e algumas outras árvores de especiaria.



PALMEIRA REAL

**Plantada por D. João VI no Jardim Botânico
do Rio de Janeiro**

Nesse *Horto* havia um terreno destinado á cultura do Chá, que de tal modo se desenvolveu que D. João VI fez vir para o Rio de Janeiro uma colónia chinesa para ensinar o processo de preparação desse producto, que por muito tempo foi comerciado em grosso.

D. João VI acoroçoou e protegeu comissões scientificas que vieram estudar a flora e a fáuna do Brazil, recebendo com o maior carinho botânicos, mineralogistas, zoologistas, horticultores e desenhistas de paisagens e de flores.

Fazendo proteger e acompanhar os viajantes em todas as suas excursões, o soberano proporcionou a publicação de obras importantíssimas desses sábios obre historia natural do Brazil. E a divulgação que eles fizeram das nossas riquezas atraíu para o nosso país um imenso numero de viajantes e scientists curiosos de o conhecer.

Devemos venerar a memória de D. João VI como a do moior propulsor que em todos os tempos teve a nossa civilização.

A ÁRVORE

Fui débil cáule, á flor da terra, quando
Do chão nasci, meu maternal regaço.
Atraiu-me o esplendor do vasto espaço :
Para o alcançar, me fui da terra alçando.

Cresci. Dei flor. E os galhos recurvando,
Exáusta, pelo esforço, de cansaço,
Ao calor fecundante do mormaço
As flores fui em fruto transformando.

Crianças, que mariniais por mim acima !
Trepai ao alto, como o arráis nos mastros !
Vegetal como sou, que nada anima,

Pudesse eu elevar-me, eu rude, eu bronco !
Vossa cabeça chegaria aos astros,
E vossos pés á terra, por meu tronco !

A MELHOR COSINHEIRA

JÁIME.

— Conheces aquele casal estrangeiro, que mora ali na esquina da ladeira ?

BENTO

— Uma senhora bonita, de olhos azuis, e um senhor gordo, de ar alegre e andar lépido ?

JÁIME

Sim, esses mesmos. Parecem ambos vender saúde, não é verdade ? Pois mal sabes tu a razão disso !.

BENTO

Ora, ora ! A razão é que naturalmente dormem bem, comem melhor, e os negócios lhes correm ás mil maravilhas. Meu pai diz sempre que a nossa saúde está na mão da nossa cosinheira. A daquele casal deve ser aceada e perita !

JÁIME

A cosinheira daquele casal é mais alta do que o muro da chácara, que já é bem alto.

BENTO

Oh, é impossível !

JÁIME

Afirmo-te ; e é linda ! E não cheira a peixe nem a gorduras !

BENTO

Como sabes tu isso ?

JÁIME

Sei, porque a vejo todos os dias da minha janela.

BENTO

Quando vai ás compras ?

JÁIME

Qual, ela não sai. Está dia e noite no mesmo lugar.

BENTO

Ao pé do fogão ? ! Mas como podes ver o fogão dos vizinhos de dentro da tua casa ?

JÁIME

Não vejo o interior dos prédios da vizinhança, nem isso me importa. Confessa entretanto que principias a ficar curioso.

BENTO

Pudera ! realmente uma mulher mais alta do que um muro alto, que não se arreda todo o dia e toda a noite do mesmo sítio, sendo que de mais a mais é cozinheira e não cheira a peixe nem a gorduras, não pode deixar de despertar certa curiosidade !

JÁIME

Mas quem te disse que era uma mulher ?

BENTO

Tu.

JÁIME

Eu ? !

BENTO

Pois não me contaste que ela é a cosinheira daquelle casal estrangeiro que rescende a saúde por todos os póros ?

JÁIME

Sim ; o que eu não disse porém é que essa cosinheira fosse mulher.

BENTO

Nesse caso, que é ?

JÁIME

E' uma bananeira !

BENTO

Então aquelles sujeitos gordos e córados só comem bananas ? !

JÁIME

Só. Disseram eles isso á minha Mãe, muito admirados de que nós, brasileiros, não saibamos aproveitar as qualidades alimentícias dessa fruta admiravel ; e ajuntaram : — a bananeira

é uma árvore linda, ornamental e de produção deliciosa e sadia. Porque ter em seu logar uma criatura feia, que nos arruina as algibeiras e nos torna dispépticos com seus adubos complicados ? !

BENTO

A vista disso, vou pedir a meus pais que plantem varias *cosinheiras* no nosso quintal !.

JÁIME

E eu tambem !

ÁRVORE DO PAPEL

(LASONDRA PAPHOS POHL)

Ha na serra Dourada, em Goiaz, a pequena distância da capital, uma árvore curiosíssima, a que dão o nome de *Arvore do Papel*, ou simplesmente — *Páu-Papel*. A casca desta planta é composta de uma camada de lâminas papi-rácias muito finas, e que se destacam com facilidade, apresentando o aspecto do papel branco-amarelado. E' digna de estudo esta espécie vegetal pela grande importância que pode tomar na indústria.

A FLOR

Que linda flor ! — dizeis — Porêm
Reparai bem :
Vêde que a sábia Natureza
Não lhe deu só a beleza,
Mas fe-la útil também.

Beleza que é só beleza,
Embora que nada iguale,
E' coisa fútil.
Pois com franqueza
Ser belo de nada vale
Se não se é útil.

Leis da vida, leis do amor !
Tudo produz, e o produto
Novos produtos adianta,
Constante, continuamente !

A flor se transforma em fruto,
O fruto, faz-se semente,
Volta a semente a ser planta,
Torna a planta a abrir-se em flor !

Se tudo é útil no Mundo,
E produtivo, e fecundo,
Nós, por nosso próprio bem,
Trabalhemos,
Estudemos,
Sejamos úteis também !

EXERCICIO DE MEMÓRIA

(Do caderno de Henrique)

O nosso professor variou o programa do ensino, fazendo hoje uma pequena prelecção a respeito de árvores, e impondo-nos depois a tarefa de reproduzirmos de memória, e por escrito, o sentido da sua narração. Quer ele por esse sistema obter a certeza de que prestamos muita atenção ao que nos diz, bem como ensaiar-nos para os processos de estudo seguidos nas aulas superiores.

Nós brasileiros, ufanamo-nos muito da natureza da nossa Pátria mas entretanto poucos de nós conhecem até mesmo as suas árvores, e o valor que elas representam ! Passeai com qualquer individuo estrangeiro pelos parques ou bosques da sua terra, e ele vos indicará sem hesitação o nome das suas árvores, citando-lhes as qualidades mais notáveis. Inqueridos por alguém, em passeios idênticos, sobre o mesmo assunto, ficaríamos embaraçados na resposta,

e acabaríamos por confessar a nossa humilhada ignorância. Nesse sentido pode citar-se como típica a frase de um senhor de importância, que disse em uma roda letrada : «Para mim, toda a árvore que dá flor amarela é Ipê». Mal sabendo talvez que do proprio ipê ha diferentes variedades !

E' tempo de nos insurgirmos contra tamanho descaso. Quanto maior for a quantidade de produtos florestais em um país, maior deve ser tambem o interêsse dos seus habitantes em os conhecer e estimar. Qual de nós que ali estávamos reunidos saberia diferencar um pé de *Oleo* de um *Páu-d'arco*, um *Vinhático* de uma *Peroba*, etc. ? Talvez nenhum !

Pois a árvore, que não representa só uma questão de beleza e de fortuna, mas tambem uma questão de salubridade pública, é merecedora de grande culto dos homens civilizados.

A sua acção sobre a hijéne é tão preponderante, que a cidade de Viena dispendeu cinquenta e dois milhões e meio de francos ⁽¹⁾ para rodear-se de quatro mil e oitocentos hectares de florestas e prados destinados a favorecer a saúde dos seus habitantes. Para o mesmo fim, Chicago, importantissima cidade da América do Norte, cingiu-se com um anel de bosques de vinte e quatro mil e duzentos e oitenta hectares !

(1) Trinta e cinco mil contos, na nossa moeda.

Na certeza de que as florestas exercem a mais salutar influência sobre o clima de um país, e a hjiéne das suas populações, devem todos defender as árvores e estima-las não só como ornamento mas como utilidade.

Basta saber-se como elas fazem desaparecer os miasmas palustres de lugares pantanosos, para avaliarmos quanto a sua presença é favorável ao homem. Regiões de malária e de seções tornam-se, por seu intermédio, lugares habitáveis e salubres. Ha árvores que são verdadeiras bombas sugadoras, mas tambem a sua evaporação atinge a muitos mil metros cúbicos por ano! Em terrenos molhados, os Eucaliptos podem absorver dez vezes o seu pêsô de líquido em vinte e quatro horas.

Plantar árvores é concorrer para a saúde das populações; é um acto de prevenção e de benefício muito louvavel. ❁

Para a semana conversaremos sobre o valor das nossas madeiras principais.

V

O homem deve querer ser útil,
Viver obscuro, mas sua gente
Pelo trabalho tornar feliz.
É essa a glória na Vida fútil !
Que essa lhe baste. Viva contente,
Perfeito e humilde — como a raiz.

A RUINA, PELO DESAPARECIMENTO DAS FLORESTAS

Antigamente a Tripolitânia (região da África septentrional, á beira do Mediterrâneo) era sombreada por uma abundante vegetação que lhe refrescava o solo e oxigenava os ares. Havia nesse país algumas cidades soberbas, no meio de culturas prósperas.

Agora só ha ali ruina e solidão

Tornou-se estéril e maninha toda a extensa planície por motivo do desaparecimento dos bosques do interior, que retinham as águas da chuva, fazendo-as penetrar na terra e derivar depois para os rios e as fontes. Não ha agora, nesses pobres ~~terrenos~~ escalvados, senão raros e paupérrimos campos de cevada e de alfafa, insuficientes para alimentar as míseras tribus de indígenas que lá vivem.

Tal é o resultado de uma louca, inconsciente destruição, que por infelicidade se estende como uma lepra por toda a África do Norte.

Sob o pretexto de auxiliar a Arábia, permitiu-lhe a Tripolitânia que os seus rebanhos venham pastar ás suas terras. O indígena tem

vivido ultimamente dessa destruição ; mas no fim de certo tempo ha de morrer á míngua sobre um solo árido deixando atraz de si, o que ? — o deserto !

Em suma : o globo terrestre é um imenso organismo de algum modo vivo, cujas partes têm funções independentes, mas que de alguma forma se comunicam e auxiliam intimamente entre si.

Não se pode alterar e suprimir uma simples peça desta máquina colossal, sem que todo o organismo se resinta.

Cortar uma árvore é estrangular um nervo do planeta em que vivemos.

A floresta regulariza os extremos da temperatura; o seu solo é mais quente no inverno e mais frio no verão que o das terras descobertas.

ULTIMA PÁGINA

Chegando ao t ermo destas l audas, onde
Se glorifica a Planta, com ternura,
Vemos que busca sempre a luz da altura
A verde glória vegetal da fronde.

Assim para o Porvir, que nos esconde
De um incerto presente a n voa escura,
Nossa alma juvenil, cândida e pura,
Suba, e seu mar de luz inquiria e sonde.

Erguei-vos, cora oes da juventude !
Aspirai, como a planta,   claridade,
Com ânsia igual do bem e da virtude !

E o nosso ideal se firme na Bondade,
Na intrepidez, na força, e na saúde,
Na Beleza, no Amor — e na Verdade !

INDICE

	PAGS.
Provérbios	8
A Lição da Árvore... ..	9
O Pau Brazil.....	10
A Riqueza do Pobre.....	12
Palmeiras — Coqueiro da Bahia.....	15
A Carnaúba.....	17
Oásis do Sertão — A Carnaúba.....	20
O Cacáu.....	22
O Sino da Floresta.....	25
Amendoeira Abandonada.....	28
Curiosidade U'til.....	29
As Florestas e os Vendavaes.....	31
O Mamoeiro... ..	33
A Riqueza Nacional.....	37
Na Fazenda.....	39
A Padaria Verde.....	42
Luta Ignorada.....	45
A Festa das ⁴ Árvores.....	48
Jacarandá Branco.....	50
Dia de Natal.....	52
O Pinheiro.....	60
Saneamento dos Pântanos.....	62
A Mamoneira.....	65
Flamboyants.....	67
Caçadores Benéficos.....	70
Os Fétos.....	72

	PAGS.
A Alma da Floresta.....	75
Para se ter Agua.....	76
Estradas Arborizadas.....	79
A Árvore das Lágrimas.....	82
Plantação	84
Árvores Célebres.....	85
O Loureiro de Virgilio.....	87
O Chorão de Musset.....	88
O Carvalho de Tasso.....	89
A Árvore do Urso.....	90
Sequóias.....	92
O Carvalho Sagrado.....	93
A Escola de Sairob.....	94
O Castanheiro de S. Vicente.....	95
Árvores Inconhas.....	96
O Baobá.....	97
Um Apólogo.....	98
Árvore Solitária.....	100
A Jaboticabeira da Tia Lili.....	101
Árvore da Vaca.....	110
Cyprestes.....	112
Oliveiras.....	113
A Alma das Árvores.....	114
A Raiz.....	116
O Poder da Vontade e da Intêligencia.....	117
O Plátano.....	121
A Árvore como Emblema.....	123
Página Escolar.....	125
Paineira Velha.....	129
A Figueira dos Pagodes.....	131
Na hora do Recreio.....	133
A Lorangeira.....	140
Silvicultura	141
A Folha e o Vento.....	145
O Suplicio das Árvores.....	147

	PAGS.
Árvores Comemorativas.....	149
A Tília.....	151
Incitamento	153
A Jarina.....	155
Báucis e Filémon.....	157
Influência Moral das Plantações Escolares.....	159
D. João VI e as Árvores.....	161
A Árvore.....	164
A Melhor Cosinheira.....	165
A Árvore do Papel.....	170
A Flôr.....	171
Exercício de Memória.....	173
A Ruína pelo Desaparecimento das Florestas.....	177
U'ltima Página.....	179

Obras de Júlia Lopes de Almeida

Traços e Iluminuras, contos.
A Família Medeiros, romance.
Memórias de Marta, romance.
A Vinva Simões, romance.
A Falência, romance.
Livro das Donas e Donzelas.
Ansia Eterna, contos.
A Intrusa, romance.
Histórias da nossa Terra, contos.
A Herança, comédia em um acto.
Quem não Perdôa, drama em tres actos.
Correio da Roça.
Cruel Amor, romance.
Eles e Elas.
A Silveirinha, romance.
Dóidos de Amor, comédia em um acto.

De colaboração:

Contos Infantis—com Adelina Lopes Vieira.
Casa Verde, romance—com Filinto de Almeida.
A Árvore—com Afonso Lopes de Almeida.

A publicar:

Novelas.
Conferencias.
Os Outros.
A Casa Verde, romance.
Nos Jardins de Salomão, teatro.

Obras de Afonso Lopes de Almeida

Terra e Céu, poesias, 1914.

A publicar:

A Margem da Vida, crónicas e fantasias.
Poema do Mar, versos.
Evangelho da Bondade, versos.
Sursum Corda! versos.

As poesias A LIÇÃO DA ÁRVORE, PLANTAÇÃO e ÚLTIMA PÁGINA, inseridas neste volume, são de lavra de Filinto de Almeida.